UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MAYARA FERNANDES

**AUTORIDADE E RESPEITO NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO:
UMA ANÁLISE FÍLMICA**

Campinas

2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MAYARA FERNANDES

**AUTORIDADE E RESPEITO NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO:
UMA ANÁLISE FÍLMICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da UNICAMP sob a orientação da professora Dra. Áurea Maria Guimarães como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia.

Campinas

2016

APROVADO EM: ___/___/___

ÁUREA MARIA GUIMARÃES

ORIENTADORA

ANTÔNIO CARLOS RODRIGUES DE AMORIM

SEGUNDO LEITOR

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

F391a Fernandes, Mayara, 1992-
Autoridade e respeito na relação professor-aluno : uma análise fílmica /
Mayara Fernandes. – Campinas, SP : [s.n.], 2017.

Orientador: Áurea Maria Guimarães.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Autoridade. 2. Respeito. 3. Escolas. 4. Relação aluno-professor. 5. Cinema.
I. Guimarães, Áurea M. (Aurea Maria), 1950-. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Titulação: Licenciado em Pedagogia

Data de entrega do trabalho definitivo: 06-02-2017

Aos meus pais: Alexandra e Roberto, que
me apoiaram sob qualquer circunstância da
vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Áurea M. Guimarães, pelas discussões enriquecedoras e a compreensão durante todo o processo dessa pesquisa, assim como por ser exemplo de profissional, levando a sua prática para além da Academia e participando ativamente da transformação da sociedade.

Aos encontros que a Faculdade de Educação me permitiu, não apenas com docentes que foram inspiração e, por vezes, o estímulo quando o cansaço e a descrença falaram mais alto nessa árdua caminhada da educação no país. Bem como, o encontro da educadora que me tornei durante esses anos de graduação. Nunca conseguirei transpor em palavras a metamorfose que as vivências na universidade e nas escolas públicas causou em mim. Também agradeço pelas trocas de experiências, apoio, carinho, convivência e a amizade daqueles que compartilharam essa trajetória comigo na faculdade. A presença nesses anos e, principalmente, a permanência de vocês hoje, fazem parte da minha formação. Estimo a realização pessoal e profissional e que nunca deixemos que nossa luta por uma educação de qualidade vire utopia.

Aos educadores que trabalho e agregam ao meu fazer pedagógico dia após dia.

À minha família que me acompanhou por todos os momentos. Obrigada pelos dias de colo, gestos cuidadosos, conselhos por uma vida e por me fazerem sentir especial. Mais do que isso, agradeço por entenderem e apoiarem minhas decisões, tal como respeitarem minhas opiniões muitas vezes contrastantes e fortes. Aos meus pais que sempre me apoiaram nessa escolha, mesmo passando por dias difíceis, dias em que a única alternativa parecia ser a desistência. Vocês foram minha fé. É à vocês que dedico esse trabalho. O valor não está no título, mas em tudo o que ele reflete: esforços e abdicção para ter uma filha formada em uma universidade pública. Desejo que muitas famílias brasileiras possam ter essa oportunidade.

Aos meus amigos de longa data que nunca se distanciaram, apesar de cidades, profissões e ciclos diferentes. Obrigada por serem minha referência de afeição, cumplicidade e irmandade. Sou grata ao meu companheiro pelo amor, atenção, paciência e incentivo nas horas que nem eu acreditava em mim mesma.

Agradeço à Deus por me guiar e iluminar minha vida com tantas bênçãos, tanto quanto as provas e expiações que possibilitam minha evolução espiritual.

“Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor.”

(Paulo Freire)

RESUMO

Tem sido frequentes nas manchetes diárias dos grandes meios de comunicação as manifestações dos professores, lamentando a perda de autoridade ante seus alunos e atribuindo a eles a causa dessa crise por serem, entre outras características, violentos, desrespeitosos, oriundos de famílias desestruturadas. Os alunos, por sua vez, culpam os professores, acusando-os de praticar injustiças em sala de aula, sendo autoritários, punindo-os ou desrespeitando-os por meio de xingamentos, humilhações ou até mesmo total indiferença. Considerando que a mídia tem um papel fundamental no mundo contemporâneo, procurei conhecer as principais referências fílmicas dos TCCs, defendidos na Faculdade de Educação da UNICAMP, no período de 2000 a 2015, que tivessem abordado os sentidos de autoridade e respeito na relação professor-aluno. A metodologia adotada nesse trabalho foi a análise fílmica de modo a perceber como as imagens fílmicas, nos TCCs selecionados, influenciam na construção de modelos padrão de professor, aluno, autoridade e respeito.

Palavras-chave: Autoridade; Respeito; Escola; Relação professor-aluno; Cinema

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo I – Sobre autoridade e respeito no espaço escolar: o que dizem os TCCs.....	13
Capítulo II – Imagens do professor no cinema Hollywoodiano	15
Capítulo III – As histórias dos filmes escolhidos.....	23
Capítulo IV – A escola e as noções de autoridade e respeito construídas por imagens fílmicas	26
Considerações finais	47
Referências bibliográficas	50
Bibliografia.....	52
Anexos	53

INTRODUÇÃO

Tem sido frequentes nas manchetes diárias dos grandes meios de comunicação as manifestações dos professores, lamentando a perda de autoridade ante seus alunos e atribuindo a eles a causa dessa crise por serem, entre outras características, violentos, desrespeitosos, oriundos de famílias desestruturadas. Os alunos, por sua vez, culpam os professores, acusando-os de praticar injustiças em sala de aula, sendo autoritários, punindo-os ou desrespeitando-os por meio de xingamentos, humilhações ou até mesmo total indiferença.

Considerando que a mídia tem um papel fundamental no mundo contemporâneo, procurei conhecer os TCCs defendidos na Faculdade de Educação da UNICAMP, no período de 2000 a 2015, que abordaram os sentidos de autoridade e respeito na relação entre professores e alunos a partir de filmes que tratavam dessa temática.

Meu interesse nesse assunto estava em compreender melhor a existência, entre nós, adultos, de um sentimento de nostalgia, de “saudades” de um tempo em que “todos se espelhavam no respeito à autoridade dos antigos professores”, sentimento esse que não corresponde mais aos dias de hoje e que, somado ao grau de violência que permeia as relações entre professores e alunos, nos remete às reflexões de Hannah Arendt (1992), especificamente nos textos “O que é autoridade”, e a “Crise na Educação”¹.

Segundo Arendt², o educador deve cuidar para que as crianças e os jovens conheçam o mundo novo ao qual chegaram, ou seja, tenham uma apreensão do mundo como ele é. Os adultos, sendo os representantes desse mundo, devem assumir a responsabilidade por ele. Esta seria a forma de preservar o que há de revolucionário em cada criança, “como algo novo em um mundo velho”.

Nesse mundo velho, o passado se faz presente e o adulto assume a responsabilidade pelo rumo dos acontecimentos mesmo querendo que as coisas pudessem ocorrer de forma diferente. Ter autoridade é assumir essa responsabilidade por esse mundo velho.

Essa reflexão sobre o passado e o presente coloca para o educador algumas questões importantes. É possível encontrar no mundo de hoje novos sentidos para a autoridade nas

¹ Esses textos compõem os capítulos 3 e 5, respectivamente, da obra de Hannah ARENDT, intitulada *Entre o passado e o futuro*.

² *Ibid.*, p. 243.

relações entre crianças, jovens e adultos? Que pistas o mundo contemporâneo nos dá para a criação desses novos sentidos?

Os professores, os pais, os adultos, responsáveis pela formação de crianças e jovens, não sabem mais o que fazer. Ora usam de uma disciplinarização violenta, numa tentativa desesperadora de conquistarem autoridade, ora, se mostram indefesos, apavorados diante de alunos que, percebendo a fragilidade de seus educadores, buscam, pelo uso da força, uma identidade que seja respeitada e temida tanto pelos seus pares como pelos adultos.

Diante desse impasse, a literatura nos mostra que o contato entre as pessoas, mediado pelo fazer da profissão, pode oferecer a possibilidade da criação de espaços para novas relações de autoridade entre estudantes e educadores, pais e filhos, não evocando mais um espelho a ser imitado, mas buscando a criação de novos sentidos para os gestos, atos e palavras.

Se o mundo da escola, como diz Chauí (1980, p.22), está ficando a cada dia inexpressivo e sob a tirania de uma organização ineficaz, como tornar possível uma nova construção de autoridade e de respeito?

Se considerarmos que os filmes podem ser entendidos (para além de um recurso didático para o ensino) enquanto “formas de socialização dos indivíduos e instâncias culturais que produzem saberes, identidades, visões de mundo, subjetividades” (KLAUS, 2003, p. 171), nos perguntamos como as imagens e concepções sobre autoridade e respeito nas relações entre professores e alunos, veiculadas nos filmes, são compreendidas por professores em formação.

A minha posição é de que ao ver um filme, o público cria e recria sentidos, indo além dos valores reiterados pela estrutura fílmica, o que nos leva a compreender o papel da escola como um dos espaços no qual o cinema pode germinar possibilidades de alunos e professores transformarem-se em sujeitos produtores e não apenas reprodutores de sentidos.

O problema central dessa pesquisa foi tentar perceber, nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) defendidos na Faculdade de Educação da UNICAMP, no período de 2000 a 2015, como as imagens fílmicas influenciaram na construção de modelos padrão de professor, aluno, autoridade e respeito. A partir dessa problemática, desenvolvi minha monografia. No primeiro capítulo, relato o percurso da pesquisa, e o que motivou a escolha dos TCCs. No segundo capítulo, faço uma síntese da monografia escolhida e abordo as correlações,

presentes no trabalho, entre as diferentes imagens de professor que os filmes hollywoodianos fazem circular em suas histórias. No terceiro capítulo, apresento os filmes que selecionei e a conexão deles com os objetivos da minha pesquisa. No quarto capítulo, teço articulações entre a análise feita no TCC e minhas considerações tendo como foco os sentidos atribuídos pelo cinema às noções de respeito e autoridade no espaço escolar.

CAPÍTULO I: SOBRE AUTORIDADE E RESPEITO NO ESPAÇO ESCOLAR: o que dizem os TCCs

Como objetivo inicial me propus fazer um levantamento dos TCCs defendidos na Faculdade de Educação da Unicamp, no período de 2000 a 2015, que tratassem do tema sobre autoridade e respeito no espaço escolar a partir de uma abordagem fílmica. A partir desse levantamento, percebi que as monografias não aludiram esse assunto especificamente. Busquei, então, outros temas que se relacionassem ao meu problema de pesquisa. Encontrei dois TCCs que me chamaram a atenção, a princípio, pelo título: “A construção da imagem do professor no cinema Hollywoodiano” de Fidalgo (2002) e “Cenas da relação professor-aluno: cinema e psicanálise” de Favari (2008).

O primeiro trabalho, como o próprio nome antecede, analisa a imagem do professor no cinema Hollywoodiano. O objetivo principal foi verificar como essa imagem contribui para que o público construa sentidos a respeito do que é ser professor, através das histórias de docentes nos filmes, as quais, muitas vezes, idealizam modelos desses profissionais. Nessa perspectiva, a autora discorre sobre o percurso do cinema, assim como as narrativas de nove filmes escolhidos para sua pesquisa que, depois, foram divididos em categorias criadas por ela.

O segundo estudo tem como foco a relação professor-aluno pelo olhar da psicanálise. Além de abordar a história do cinema, a pesquisadora vinculou aspectos da trajetória da psicanálise a conceitos psicanalíticos que fundamentaram a análise dos três filmes escolhidos para a sua observação.

Apesar do tema central ser a relação professor-aluno no cinema, cujo assunto está diretamente ligado ao meu estudo, Favari (2008) se preocupou em tratar da noção de autoridade sob o enfoque da psicanálise, afastando-se do meu interesse em detectar as imagens de professor propagadas pelo cinema.

Desse modo, optei por utilizar apenas a monografia de Fidalgo (2002). Sua abordagem, caracterizando aspectos pessoais, profissionais, didáticos de cada professor nos filmes, possibilitou-me identificar como as noções de autoridade e respeito são trabalhadas na relação professor-aluno dentro do ambiente escolar nos enredos fílmicos. Acredito que o fazer pedagógico de cada professor seja constituído por suas características pessoais e assim, é possível perceber o que cada um deles entende por autoridade e respeito diante das situações dramatizadas nas escolas dos filmes.

Fidalgo trabalhou com nove filmes, os quais foram divididos em três categorias, criadas por ela, de acordo com a imagem de professores construída pelos cineastas: professores disciplinadores, professores contestadores e professores carinhosos/compreensíveis.

A classificação dos professores disciplinadores é estabelecida por docentes que não se limitam aos muros da escola e, ao verem o aluno para além da sala de aula, valorizam a família do estudante, a qual deve ensinar e aprender com ele para que através da escola tenham ascensão na sociedade. Esses professores acreditam que a disciplina precisa ser ajustada antes de fazer inovações na parte pedagógica. Por serem mais firmes na maneira de controlar os alunos, apesar de autoritários, obtêm o apoio da comunidade escolar, que se sustenta até quando os resultados são alcançados. Assim, a disciplina e o estranhamento inicial perdem espaço para as características pessoais deles, as quais acabam sobressaindo mais do que o domínio dos conteúdos educacionais.

Já os professores contestadores são aqueles que têm uma particularidade ao lecionar, pois o fazem de forma racional para conscientizar seus alunos, como um chamado para enfrentar suas próprias vidas. Com essa finalidade, alteram o currículo oficial das escolas em que trabalham, priorizando mais as experiências pessoais para lidar com o entorno do que com o conteúdo. Mesmo com essa confrontação, eles não temem perder seus empregos.

Assim como os professores contestadores, os carinhosos/compreensíveis alteram o programa escolar, para atender as necessidades cotidianas de seus estudantes. Essa preocupação por parte dos docentes acaba criando uma relação professor-aluno bem afetiva. É notório esse aspecto no fazer pedagógico quando dão preferência por ensinarem princípios de educação e respeito.

A seguir, farei uma síntese do TCC intitulado “A construção da imagem do professor no cinema Hollywoodiano”, de Edel Weiss Ricci Fidalgo, apresentado na Faculdade de Educação da Unicamp em 2002. A partir desse texto é que a presente monografia foi desenvolvida.

CAPÍTULO II: IMAGENS DO PROFESSOR NO CINEMA HOLLYWOODIANO

Fidalgo inicia sua pesquisa com uma viagem pela história do cinema, situando o leitor sobre suas transformações e contexto ao longo das décadas. Para tanto, ela nos remete ao século XIX, um período o qual o cinema ficava em segundo plano, não sendo reconhecido dentro da cultura oficial, e projetado apenas em espaços e tempo de outras representações artísticas, como por exemplo, em intervalos de shows. Era admirado pelas camadas mais populares e, com intuito de atrair olhares das outras classes sociais, o cinema passa a buscar inspirações em outros tipos de espetáculos.

A autora relata ainda que essa forma de projeção se perpetuou até aparecerem os investimentos das indústrias do cinema como forma de entretenimento. À medida em que as cidades foram sendo urbanizadas, as relações com o outro foram sendo modificadas, uma vez que aumentou a frequência de encontrar e perceber as outras pessoas em volta – muitas vezes estranhos – e, conseqüentemente, de ser observado pelas mesmas. Surge assim, uma nova curiosidade no homem: o ver e ouvir o outro. O cinema, sem perder tempo, apropria-se desse fato, visando a imagem como registro. Assim, ele passa não só a possuir um novo público, como também uma nova linguagem cuja preocupação principal está em aproximar as produções da realidade do espectador, tentando dar maior veracidade e naturalidade aos acontecimentos narrados. Embora a indústria cinematográfica tenha influenciado na aparição de outros mercados, como revistas, moda e beleza, as produções ainda eram precárias, o que culminou na criação dos curta metragens priorizando a qualidade. A cidade de Nova York transformou-se no maior centro do cinema o qual, mais tarde, foi deslocado para Hollywood, região que acabou concentrando a maioria dos recursos para o processo de criação e execução dos filmes.

O trabalho menciona um importante fato histórico pós guerra: a popularização da TV. Esse foi o ponto de partida para a crise das grandes produtoras de Hollywood seguida por tentativas de reverter a situação. A grande salvação encontrada foi a produção pensada para as massas que as telas passam a enquadrar, focando temas relacionados à comportamento, beleza e moda. Conjunto esse que atribuiu os sonhos e ilusões à Hollywood. Aludir esse item foi fundamental para a pesquisa de Fidalgo, levando em consideração que toda a sua análise parte do princípio de que: o cinema deixa de ser apenas entretenimento, tornando-se também um instrumento de implementar padrões desejáveis de comportamento, e assim propiciar que o

espectador se identifique, no conjunto das imagens audiovisuais do filme, com mensagens e valores referentes a esses padrões.

Após uma breve introdução sobre o percurso do cinema, a pesquisadora resgatou de sua memória as imagens de sua infância como também as influências do cinema e da televisão em sua vida, entre elas destacou a figura do professor. Segundo a autora, quando criança, o faz de conta era utilizado como meio de recriar situações vivenciadas na escola, só que naquele momento a solução seria encontrada por meio de sua perspectiva de aluna e não do olhar da professora. Posteriormente, quando maior e graduanda do curso de pedagogia, a idealização que incumbia ao professor foi lhe causando certo incômodo por não representar a realidade do fazer pedagógico na escola. A autora ressalta que essa construção do ideal não nasce do vazio e acredita que as constantes representações em torno do professor trabalhadas pelos recursos audiovisuais contribui para tal efeito. Isso posto, ela avalia que os docentes são retratados nesses meios segundo um modelo tradicional, separando-os em dois grupos: os “bonzinhos”, os quais mantêm boa relação com sua turma, e os “mau humorados”, caracterizados por seus hábitos ultrapassados. Os professores desses dois grupos, como também o currículo adotado, são descritos pela autora como não críticos e adaptados ao sistema escolar da forma como está instituído.

Ao abordar mais especificamente o professor de Hollywood, Fidalgo reparou que algumas características desses professores são repetidamente marcadas nas películas. Entre elas estão: a não formação na área para atuar em sala, colocando o professor com determinados atributos que bastaria para assumir a profissão e, sem conhecimento na área, alteram o currículo a fim de atender as necessidades dos alunos, o que geralmente não acontecia dentro do programa escolar. Por essas atitudes, a impressão causada nos colegas de profissão é que esses professores reverteram a situação inicial de conflitos a seu favor, mesmo não tendo formação. Desse modo, os professores que encararam o desafio tendem a não ter vínculo com os demais docentes, já que esses os desmotivam por se sentirem desanimados e insatisfeitos com o seu trabalho.

Essa abordagem do educador nos filmes é julgada como simplista e preocupante por Fidalgo, uma vez que os traços de personalidade do profissional sobrepõem-se à formação docente. A imagem retratada não equivale à realidade enfrentada todos os dias nas salas de aulas pelo professor, mas dá margem a uma interpretação perigosa pois se qualquer pessoa pode assumir esse papel, entende-se que a qualificação para o exercício da profissão pode

ficar para um segundo plano. Ela evidencia a desqualificação da profissão quando se faz esse jogo de imagens sem problematizar todo o contexto vivido pelos professores, além de que os telespectadores, distantes da real prática docente, ou que a desconhecem, podem formar falsas impressões sobre o sentido do papel docente.

Contudo, seu estudo teve como objetivo analisar filmes que contam as histórias e os desafios de personagens que são professores, a fim de assinalar a visão comum das produtoras acerca do significado do que é ser professor e de como a imagem do mesmo é construída.

Antes de adentrar em seu referencial teórico, a pesquisadora elenca algumas propriedades importantes para alertar nosso olhar em relação aos filmes. Deixa claro que as imagens não são neutras, conseqüentemente, influenciam a consciência do homem moderno e urbano-industrial. Nessa perspectiva, a sétima arte não é somente emancipadora, mas também conservadora porque cria, recria e manipula as imagens da realidade que serão interpretadas segundo os valores das camadas sociais que controlam os meios de produção e de comunicação. (NÓVOA apud FIDALGO 2002, p.27)

Por conseguinte, a autora escolheu nove filmes para sua análise, sendo oito produções norte-americanas e apenas uma europeia. A transcrição de alguns diálogos bem como informações obtidas sobre os filmes por meio de fontes diversas enriqueceram sua análise. A seguir indico as produções escolhidas por Fidalgo:

1. Um Tira no Jardim de Infância (Universal Pictures, 1990)
2. Mudança de hábito 2 (Touchstone Pictures, 1993)
3. Ao Mestre, Com Carinho (Columbia Pictures, 1966)
4. Ao Mestre, Com Carinho – parte 2 (Columbia Tristar/ LKTel Vídeo, 1996)
5. Mentas Perigosas (Hollywood Pictures, 1995)
6. Meu Mestre, Minha Vida (Warner Bros, 1989)
7. Música do Coração (Paris Video/ Miramax Films, 1999)
8. Sarafina – O som da liberdade (Warner Bros, 1993)
9. Sociedade dos Poetas Mortos (Touchstone Pictures, 1980)

Após elencar os filmes, Fidalgo enumerou quatro características que se relacionam à imagem do professor:

1. Características pessoais
2. Características profissionais
3. A didática/metodologia utilizada e se há personalização do currículo
4. O enredo do filme, focando na chegada do docente à escola, os desafios enfrentados e a solução para os problemas.

Agrupou os filmes por suas semelhanças e diferenças em relação às características dos professores, agrupando traços de personalidade que sobressaíam do enredo. Com base nessa categorização montou uma tabela com a imagem de cada personagem:

	1. Professor Disciplinador:	2. Professor Contestador:	3. Professor Carinhoso/Compreensivo:
FILMES	- Um tira no Jardim de Infância - Meu mestre, Minha vida - Música do coração	- Sarafina – O som da Liberdade - Sociedade dos Poetas Mortos	- Mudança de hábito 2 - Ao Mestre, Com carinho - Mentas Perigosas - Ao Mestre, Com carinho 2

Após separar os filmes, concentrou-se nas características pessoais do professor, enfatizando o caráter, as qualidades pessoais, a maneira habitual de ser e as marcas que o distinguíam de outros colegas. Percebeu que, em sua maioria, esses professores se apresentam como pessoas que desenvolvem sua profissão de maneira marcante e decisiva e que acabam se sobressaindo sobre os demais colegas devido a maneiras de ser, tais como: personalidade forte, permitir-se arriscar, inovar e criar. Traços que o cinema Hollywoodiano traduz como sendo o “bom professor”.

Além desse modelo padronizado a autora também analisa formas de comportamento no que diz respeito à chegada no novo trabalho, às primeiras impressões do ambiente escolar, principalmente quando os professores se veem à frente dos conflitos. É curioso o contraste entre os primeiros momentos deles na escola, quando estão seguros, sérios e certos de estarem seguindo as normas já estabelecidas, e o instante em que todas as suas certezas são confrontadas com os primeiros desafios. Ao buscarem meios de contornar o caos instaurado, os professores acabam se contrapondo aos colegas que já estavam na escola antes deles, os quais por serem “previsíveis” e “acomodados” não possuíam a capacidade de alterar a realidade, contribuindo para o acirramento dos conflitos, a insatisfação entre as pessoas e a descrença na educação. Diante dessa problemática, Fidalgo nos deixa os seguintes questionamentos: “Como essas características compõe o profissional da educação? Quais representações podem ser (re)construídas em torno da imagem do bom professor? Quais traços são insistentemente produzidos no desenho desse bom professor?”. (FIDALGO, 2002, p. 31).

As categorias elencadas acima são descritas pela autora a partir de várias cenas, sendo que, para cada uma delas, é atribuído um subtítulo e, a partir dele, desenvolvida uma análise crítica referente ao tipo de professor em foco. Por exemplo, em “Ordem e Progresso” (FIDALGO, 2002, p.32) a autora trata dos professores disciplinadores. A escolha desse subtítulo se deve ao ponto comum existente entre os três personagens principais dos filmes “Um tira no Jardim de Infância”, “Meu mestre, minha vida” e “Música do coração”. Todos eles, John Kimble, Joe Clark e Roberta Guaspari, enfrentam a desconfiança, a resistência e o desconforto tanto da parte dos alunos quanto dos outros professores, o que não os impede de solucionar os problemas existentes na escola, principalmente o da indisciplina.

Segundo Fidalgo, os professores lidam com a disciplina escolar a partir de suas experiências profissionais anteriores fazendo uso de práticas desassociadas da realidade dos seus alunos. O detetive interpretado por Arnold Schwarzenegger no filme “Um tira no Jardim de Infância”, por exemplo, ameaça as crianças barulhentas e inquietas inspirado em técnicas de controle e punição utilizadas nos quartéis. Em “Meu Mestre, Minha Vida”, Joe Clark, interpretado por Morgan Freeman, é um diretor autoritário, rígido, adepto de métodos por vezes violentos, mas considerado, pelos administradores da escola, o homem capaz de enfrentar gangues e traficantes que infestam a escola e impedem os alunos não somente de aprenderem e de serem aprovados nos exames nacionais como também prejudicam a imagem de políticos locais. No filme “Música do Coração”, Meryl Streep no papel de Roberta

Guaspari, interpreta a professora de violino numa escola da periferia de Nova York que tenta de todas as formas manter vivo um projeto de música. Ela enfrenta os mesmos desafios acima relatados: o desinteresse dos alunos, preconceito dos pais dos alunos, da direção da escola e a falta de recursos. Determinada, tenta disciplinar os alunos de modo a dedicarem-se cada vez mais aos estudos, não deixando que limitações e deficiências os desmotivem.

Apesar da categoria “disciplinador” reforçar a faceta autoritária desses professores, ela vai perdendo espaço à medida que eles se veem envolvidos com seus alunos. Inicialmente, o rigor da disciplina se coloca como prioritário mas em seguida o foco passa a ser o aluno e sua família, oportunizando uma relação mais afetiva e pessoal entre professores e alunos.

Em relação a esses filmes, Fidalgo chama nossa atenção para a falta de formação profissional docente dos personagens, sendo que apenas um deles é preparado para a vaga. O motivo para lecionar é externo a eles, ou seja, não é por vontade de ser um professor que os fazem estar ali, mas, mesmo assim, são aceitos para ocupar o cargo nas escolas. Nessa perspectiva, o ensino é visto como uma vocação, independente de preparo, de estudos específicos sobre o aprender e o ensinar. Ao mesmo tempo, a autora ressalta aspectos positivos na atuação desses professores porque ao ingressarem na instituição são tratados como não pertencentes ao grupo já estabelecido o que propicia uma atitude mais arriscada e corajosa para romper com padrões tradicionais de ensino. Além do mais, os conflitos enfrentados e solucionados no novo trabalho suscitou neles o sentimento de superação e até de sucesso em relação à profissão anterior Fidalgo termina a classificação dos professores disciplinadores com a seguinte indagação: a educação é um dom que transcende a formação?

Já na categorização dos “professores contestadores”, o principal traço marcado por Fidalgo é o abandono do currículo oficial das escolas. O filmes inseridos nessa categoria são: “Serafina”, “O Som da Liberdade” e “Sociedade dos Poetas Mortos”. Eles encontram uma maneira particular de lecionar, conscientizando seus alunos com o propósito de enfrentarem as dificuldades em suas vidas. No contexto dessas tramas, a contestação acontece de duas formas. Na primeira, o currículo é mantido, porém trabalhado sob uma perspectiva crítica. Na segunda, o conteúdo do currículo é questionado, priorizando-se muito mais a produção dos alunos do que o pensamento de autores acadêmicos. Isso fica mais claro, quando a autora afirma que, nesses filmes, o encontro da turma com seu docente é mais importante do que a matéria em si mesma.

Fidalgo compara esse modelo de professor com o anterior, o disciplinador, indicando que para o objetivo do professor disciplinador é mudar a escola e questionar a família para que ela passe a partilhar dos ideais de uma escola em mudança. No modelo dos contestadores, a família está de acordo com a tradição forte presente na escola e vice-versa. Nesse caso, se o professor questiona o ensino, conseqüentemente, está questionando também os valores da família.

Nessas histórias, os professores contestadores não se deparam com alunos resistentes e revoltados com a presença deles. São professores qualificados que não temem perder seus empregos por questionarem o sistema escolar ou por contribuírem com suas experiências pessoais para a formação política dos seus alunos, mesmo se tratando de escolas autoritárias.

A questão fundamental que compõe a monografia, é que Fidalgo não nos deixa enganar pelas primeiras impressões que Sarafina: o som da liberdade e Sociedade dos Poetas Mortos nos passam. Os filmes retratam a mudança como um momento de encantamento para os alunos sobre questionar a tradição. Após a saída dos professores, os quais contestam o modelo padrão nas escolas, acaba passando a mensagem que quando se rompe com a tradição há grandes conseqüências, ou seja, apesar de no início o telespectador ter o sentimento positivo em relação a isso, mostra o quanto é perigoso fazer esse movimento.

O terceiro grupo de educadores é o dos professores carinhosos/compreensíveis. Aqui estão relacionados: Mudança de Hábito 2; Ao Mestre, Com carinho (Parte 1 e parte 2) e Mentos Perigosas. O que caracteriza esse grupo é a afetividade e a preocupação em atender as necessidades dos alunos. É possível identificar esse quesito também nos professores contestadores, porém nesses filmes a prioridade é criar uma relação paternal entre professores e alunos, de modo que, para além de ensinar, seja possível cuidar dos alunos. Os princípios familiares de carinho, compreensão e respeito antecedem o ensino. Nesse sentido, segundo Fidalgo, ainda que esses professores modifiquem alguns preceitos, as alterações no currículo resultam numa adequação do comportamento do aluno à sua realidade econômico-social. Assim como os professores disciplinadores, os professores carinhosos não são profissionais da educação, mas buscam encontrar nesse trabalho uma forma de se realizarem pessoalmente.

A autora finaliza sua monografia ressaltando que, apesar dos filmes apresentarem os professores de maneira estereotipada, não deixam de nos fazer refletir a respeito da profissão docente e seus desafios, entre eles, romper com as amarras que nos tornam reféns de um sistema de ensino autoritário.

No próximo capítulo, apresentarei os filmes selecionados, as histórias desses filmes e a conexão deles com os objetivos da minha pesquisa.

CAPÍTULO III: AS HISTÓRIAS DOS FILMES SELECIONADOS

Considerando que Fidalgo (2002) agrupou os professores conforme determinadas características elegi um filme de cada categoria para perceber as diferenças entre os docentes e, principalmente, a postura deles adotada em sala com os alunos. Sendo assim, os filmes escolhidos foram: *Meu Mestre, Minha Vida*; *Sarafina – O som da Liberdade*; e *Ao Mestre, Com Carinho* parte 1 e 2.

O primeiro filme faz parte da categoria dos professores disciplinadores. Ele narra a história verdadeira do docente Joe Clark, o qual exerceu sua função em uma escola de Paterson, New Jersey, mas foi transferido pelo sindicato dos professores e os dirigentes da escola que o acusavam de causar muitos problemas, já que resistia às ordens do Estado. Vinte anos mais tarde, a instituição de ensino mudou drasticamente, dando vazão às pichações nas paredes, às drogas nos corredores e a um índice alto de violência. O prefeito, por sua vez, se sentiu pressionado quando se viu em época de eleição e sem a meta de porcentagem mínima alcançada no teste básico da Eastside. Com isso, Joe Clark foi chamado para assumir a responsabilidade de aumentar o índice de aprovação dos alunos, só que agora seu papel seria de diretor. Para resolver os problemas que assolavam a escola, Joe passou a ter uma conduta autoritária, fazendo uso da expulsão e de castigos como forma de punição, além de utilizar um taco de baseball e um auto falante para instaurar a ordem entre professores e alunos, esses em sua maioria negros e hispânicos. Ainda, Joe teve que lidar com a pressão do Estado e com as relações de poder: por vezes ele, a autoridade máxima – no âmbito escolar -, em outras, estava abaixo das autoridades governamentais.

Em *Sarafina – O Som da Liberdade*, ao contrário das outras películas escolhidas nas quais o protagonista era o professor, o filme centra-se em Sarafina, uma aluna que residia em Soweto, bairro destinado para a população negra no período do Apartheid, em Johannesburgo. Durante todo o filme, a protagonista narrou para Nelson Mandela, sua maior inspiração, suas impressões sobre a luta contra o regime. Além dele, Sarafina se envolveu bastante com as ideias de sua professora Mary Masembuko que ministrava suas aulas, seguindo o currículo oficial, mas contestando os fatos apresentados pela história contada nos livros, como forma de resistência e de desnaturalizar a repressão. Porém, no seu meio, Mary era a única professora a se opor contra o modelo de ensino imposto para aquele povo. A partir disso, Sarafina passou a viver intensamente suas experiências individuais nesse contexto social, principalmente pela música. Os cantos ganharam bastante notoriedade nessa produção, já que foi instrumento

utilizado como forma de luta. De acordo com esses parâmetros, a imagem do professor caracterizada em *Sarafina – O som da Liberdade* é a do professor contestador.

Como professor carinhoso/compreensível, optei pelo filme *Ao Mestre, Com carinho* e sua sequência – *Ao Mestre, Com carinho* parte 2. O filme conta a história de Mark Thackeray, um engenheiro que não conseguiu emprego em sua área e decidiu aceitar o desafio de lecionar para jovens do subúrbio da década de 60, em Londres. Ele enfrentou problemas de indisciplina e desinteresse por parte dos alunos, que se rebelavam não apenas por seus comportamentos em sala, mas pela ousadia das roupas e dos gostos musicais. Sua atitude era ser enérgico. Mas com o passar do tempo, Thackeray percebeu que teria que trabalhar questões mais profundas na vida daqueles alunos, situações pertinentes ao cotidiano e mais significativas para o aprendizado deles. Assim, conseguiu reverter a situação a seu favor à medida em que os conheceu e alterou o currículo para atender as suas necessidades. Tornou-se mais acessível aos alunos e aberto em relação a sua própria vida também.

A sequência da produção continuou em Chicago, EUA, e mostra aos telespectadores que Thackeray prosseguiu na carreira docente após 30 anos, enfrentando os desafios da profissão, já que aceitou o emprego em uma escola periférica, mais especificamente numa sala considerada de pior rendimento escolar - opinião sólida entre os outros professores. Os alunos, por sua vez, reproduziam as atitudes que os docentes tinham adiantado para Thackeray. Mais confiante por seus anos de experiência na educação, ele acabou conseguindo o respeito mútuo, inclusive na maneira dos alunos se referirem uns aos outros. Suas aulas eram estruturadas em forma de conversa, deixando os alunos livres para questionamentos dos mais diversos assuntos. Nunca antes eles tiveram esse espaço, o que contribuiu muito para uma relação de confiança entre o docente e seus educandos. Se, por um lado, Thackeray conquistou o respeito deles, por outro, teve que lidar com a administração do colégio, a qual não dava credibilidade ao seu método de ensino.

De todos os filmes trabalhados por Fidalgo, elenquei aqueles cuja trama ocorresse dentro do espaço escolar com turmas de alunos que trouxessem desafios para os professores. favorecendo a análise de cenas nas quais os sentidos de autoridade e respeito se explicitavam nas posturas dos alunos como também dos professores diante de decisões a serem tomadas tanto frente aos conflitos em sala de aula quanto às pressões do setor administrativo da escola.

Após a seleção dessas produções cinematográficas, assisti aos filmes, fiz as leituras das sinopses e busquei comentários, críticas, curiosidades e materiais diversos sobre eles.

Quando julguei necessário, revi as cenas que possuíam conexão com o meu problema de pesquisa e as transcrevi, adotando três critérios: observar o modelo padrão de professor, de aluno, autoridade e respeito presentes nas películas; escolher as imagens nas quais, em algum momento do filme, o modelo padrão dessas concepções é rompido e, finalmente, compor articulações entre os filmes, os sentidos que eles atribuem às noções de autoridade e respeito e os conceitos teóricos sobre o tema da pesquisa.

No quarto capítulo, farei articulações entre os filmes elegidos por mim, a partir do TCC de Fildago, e os sentidos atribuídos pelo cinema às noções de respeito e autoridade no espaço escolar.

CAPÍTULO IV: A ESCOLA E AS NOÇÕES DE AUTORIDADE E RESPEITO CONSTRUÍDAS POR IMAGENS FÍLMICAS

Os filmes analisados pela autora Fidalgo se aproximam da temática escolhida para desenvolver o meu TCC, uma vez que em todos eles encontramos os desafios, os conflitos enfrentados pelos professores no espaço escolar.

A partir da categorização dos professores realizada por Fidalgo (2002), classificando-os como DISCIPLINADOR, CONTESTADOR E CARINHOSO/COMPREENSÍVEL, escolhi para cada um desses “tipos” um filme que abordasse mais diretamente as questões de autoridade e respeito na relação professor-aluno.

Com relação ao professor disciplinador optei por analisar o filme “Meu Mestre, Minha Vida” pelo fato do personagem principal ter formação docente para ocupar o cargo na escola onde trabalhou, diferente dos personagens das outras películas nas quais a qualificação profissional não é exigida, como é o caso de “Um tira no jardim de infância”, cujo professor é um policial disfarçado, e do filme “Música do coração” em que a docente é violinista. Como citado em capítulos anteriores, Joe Clark era um professor com muitos anos de experiência e que foi chamado vinte anos depois para assumir a direção de uma antiga escola onde já havia trabalhado. É curioso notar a postura dele nas diferentes épocas e, conseqüentemente, nas funções de professor e diretor (DALTON, 1996).

A primeira cena mostra uma escola americana: corredores com armários, boa estrutura, organizada e paredes limpas. A maior parte dos alunos são brancos. Na sala, Clark narra um jogo pedagógico entre meninas e meninos, cujo objetivo é responder as perguntas referentes aos conteúdos estudados como, por exemplo, a Carta Magna. A atividade é interrompida quando Frank, membro da administração escolar, pede para falar com ele. Clark não se importa de deixar a sala sozinha por alguns minutos, parece não se preocupar com a compostura de seus alunos na sua ausência. Antes de sair, passa uma redação como tarefa de casa, o tema é sobre racismo. Joe Clark dita aos alunos: “O câncer do racismo mancha nosso caráter nacional, suja o espírito, escurece a alma, faz um borrão. Uma vergonhosa nódoa na nossa consciência nacional”.

Em seguida, ele sai da sala. Frank lhe dá a notícia de que eles não foram chamados para a reunião do sindicato dos professores e dirigentes. Os dois, sem hesitar, impedem a

continuação do encontro. Clark cobra uma explicação do grupo sobre a aceitação das medidas do governo:

JOE CLARK: Não vamos ter uma voz efetiva aqui! Nem autoridade no nosso currículo e deixar de ser impotentes se ficar nos traindo todas as vezes que [autoridades do governo] nos ameaçam. Se quiser discutir o assunto me convoquem. Temos que permanecer unidos.

Nessa primeira parte da produção, percebemos que Clark possui o desejo que a escola fosse independente nas tomadas de decisões e no método de ensino, sem precisar do aval do Estado. É possível notar que o professor anseia essa autonomia não somente para sua luta na educação, mas a coloca em prática ao deixar seus estudantes sozinhos durante o período em que está na reunião. Além disso, utiliza de métodos pedagógicos não convencionais, como uma competição lúdica com perguntas de cunho social e permite a circulação dos estudantes em sala. Suas roupas também nos causa a impressão do desprendimento do professor quanto aos padrões: utiliza uma túnica colorida, cabelo black power e colar. Possui um apelido que deixa nítido as tentativas de rompimento de paradigmas, já que é conhecido como “Crazy” (louco, em inglês).

Joe é transferido de escola por causar problemas se opondo à política educacional do governo. Vinte anos mais tarde, a escola é tomada por pichações, consumo e tráfico de drogas, altos índices de violência e baixas aprovações nos testes básicos do Estado. O prefeito, se sentindo pressionado e com foco em sua reeleição, resolveu chamar Joe, por sugestão de Frank, para assumir as rédeas do colégio. Em um primeiro momento, ele se recusa a ocupar o cargo. Frank, por sua vez, tenta convencê-lo resgatando momentos do passado:

FRANK: Joe, eu quero que esqueça o que aconteceu antes, esta é uma chance para fazermos algumas mudanças e pararmos de lançar farpas um no outro, de atacarmos firmes para mudarmos esse quadro.

JOE CLARK: Está dizendo que ninguém mais quer o cargo?

FRANK: Ninguém que eu quisesse!

JOE CLARK: Pois inclua meu nome nessa lista!

FRANK: Seu pretensioso de merda!

JOE CLARK: Merda é você! Não me venha falar de salvar esses jovens! O prefeito quer salvar o orçamento dele e você quer salvar a sua pele!

FRANK: E daí? Você quer a verdade, Joe?

JOE CLARK: Quero, Frank! Diga alguma verdade!

FRANK: A verdade é que apesar da sua conversa e esse tipo de Joe “Maluco”, o que fez até hoje? Nada! Você não passa de um homem insignificante, é como se não tivesse nascido! Sua vida não tem feito a

menor diferença! E a minha também não! Quer levar isso para o túmulo?

Assim, Clark se sentiu desafiado e encarou a proposta. Ao pisar no colégio de terno e gravata, o diretor chegou à selva, como diz a letra da música na cena que exhibe o antes e o depois da Eastside. A canção é um dos sucessos da banda de heavy metal Guns N' Roses, a qual leva o nome de "Welcome to the Jungle", na tradução livre significa "Bem-vindo à selva". Mais do que uma crítica às atitudes violentas dos alunos como sendo irracionais, a letra é uma analogia em como é (sobre)viver naquele ambiente escolar duro, dia após dia. Enquadrado seu rosto na tela, ele parece surpreso com a transformação da escola.

Logo de início, ele deliberou uma reunião com o corpo docente acompanhado de seu chefe de segurança. É diante desse cenário que é traçada uma linha entre o Joe Clark professor e o Joe Clark diretor. Ele deixa claro que quem dá as ordens é ele, não permitindo que os colegas de profissão se manifestassem. Ainda, indaga-os como eles podem querer ensinar os alunos se não têm controle sobre a escola, inclusive rebaixa os cargos deles e lhes pede os nomes dos alunos que causam problemas. Uma das frases que marca seu discurso é quando diz que a "disciplina não é inimiga do entusiasmo". E continua:

JOE CLARK: Isso não é uma democracia. Nós estamos em um estado de emergência e minha palavra é a lei. Só tem um chefe nesse colégio e esse chefe sou eu, o A.C.N.E. (chefe negro no comando, em inglês)

Já sua aparição diante de toda a escola ocorreu na quadra. No palco havia todos os "alunos problemas". Joe se anunciou como o novo diretor e usou palavras tão duras quanto na sala dos professores. A solução encontrada por ele foi expulsá-los, justificando que eles só ocupavam espaço, prejudicavam a escola, hostilizavam seus professores e ameaçavam os colegas. A situação nos leva a crer que aconteceu de maneira pública não apenas como punição, mas como lição para quem pensar em infringir as novas regras. Ademais, exige que todos presentes cantassem o hino da escola, o qual ninguém sabia. Diante desse cenário o novo diretor responsabilizou os próprios alunos pelo fracasso escolar, alertando-os de que apontar culpados não os levariam a conquistar o sonho americano.

Nesse segundo contexto, os sentidos de autoridade e respeito são modificados no filme. Se anteriormente a conduta de Joe Clark era através do diálogo, da responsabilidade coletiva e luta contra qualquer pressão do governo, agora ele impunha sua presença e suas normas através do cargo que ocupava, considerando-se autoridade máxima. A partir desse

momento, o movimento dessas noções ficam mais evidentes em diversas imagens da narrativa.

Mais que o alto falante e o taco de baseball na mão para impor sua soberania, constantemente delega e cobra regras. Um dos episódios memoráveis do filme é quando um aluno expulso aguardava Joe na porta do colégio. Na esperança de reverter seu quadro de expulsão pediu para falar com o diretor. Joe aceitou e o levou à cobertura do colégio onde escutou do aluno que ele se enganou, pois não pertencia ao grupo de “alunos problema”. O diretor conferiu a lista de nomes e confirmou o nome do estudante. Joe disse saber sobre o consumo de drogas do garoto e o provocou para que ele pulasse lá de cima com a justificativa de que a morte já estava garantida, caso ele continuasse nesse caminho. O rapaz se assustou, pediu uma segunda chance e então, foi admitido no colégio. O diretor prometeu fazer vista grossa, tanto que em outra tomada que aparece na cantina supervisionando o lanche dos alunos e a permanência deles nas mesas, percebeu uma agitação desse mesmo estudante e seus amigos. Pediu para que eles se levantassem, expondo-os mais uma vez e disse: “respeito próprio deve permear qualquer aspecto de suas vidas, se não adquirirem por si mesmos, não irão adquirir por parte alguma”. Além disso, solicitou que cantassem o hino como prova do respeito deles. Por ainda não terem aprendido, acabaram sendo punidos.

Clark não era autoritário apenas com os educandos, ele requeria a disciplina igualmente do corpo docente. A todo momento estava controlando o trabalho dos colegas de profissão, não lhes dando autonomia e exigindo ser informado de todas as suas ações. Isso é bastante marcado quando ele entrou na sala da professora de música ordenando que ela ensinasse o hino da escola. Sra. Elliott não lhe ofereceu a atenção que esperava e continuou a ensaiar Mozart para o concerto de Nova York. O diretor a chamou para fora da classe enfurecido:

JOE CLARK: Sra. Elliott, eu não gosto de ser ignorado assim.

SRA. ELLIOTT: Sinto muito, Sr. Clark, se não recebeu atenção o bastante, mas estou tentando ensaiar.

JOE CLARK: E a senhora não acha que o hino do colégio é importante o bastante para obter uma pequena...

SRA. ELLIOTT: O hino do colégio é ótimo, mas estamos ensaiando Mozart. Eu estava no meio de um trecho difícil. Se o senhor quer que respeitemos o seu trabalho, poderia tentar apreciar o nosso.

JOE CLARK: Com quem a senhora pensa que está falando?

SRA. ELLIOTT: Com um homem que se sente ameaçado quando algum outro adulto nesse colégio faz alguma coisa que as crianças gostem.

[...]

SRA. ELLIOT: Eu adoraria conversar, mas tem o concerto a próxima semana em Nova York e gostaria de estar preparada.

JOE CLARK: O que?

SRA. ELLIOTT: Preparada, sabe o que isso significa? Significa capaz, pronta e apta para o trabalho!

JOE CLARK: Que concerto?

SRA. ELLIOT: O concerto no Lincoln Center de todos os anos.

JOE CLARK: Até agora! Pois seu concerto foi cancelado!

SRA. ELLIOTT: O que?

JOE CLARK: Cancelado! Sabe o que quer dizer cancelado, Sra. Elliott? Encerrado, finalizado, terminado!

SRA. ELLIOTT: Por que? Essas crianças têm ensaiado bastante!

JOE CLARK: Por não me comunicar, para começar!

SRA. ELLIOTT: Eu deixei o formulário no seu gabinete! Por que...

JOE CLARK: E por causa de hierarquia, questionou meu julgamento, minha competência, minha inteligência...

SRA. ELLIOTT: O senhor quem veio aqui me importunar! O senhor é um grosso, um homem desprezível e não tem nada para dizer!

JOE CLARK: Vamos resolver de outra maneira, Sra. Elliott...Está despedida!

O diálogo comprova que Joe Clark não fazia uso da democracia como antes, mas sim da autocracia. Quando ele coagia os docentes do mesmo modo que corrigia os estudantes, sinalizava que os dois grupos se encontravam em um nível abaixo do seu e assim, Joe superior, autoridade máxima. Esse papel que o professor assume nos filmes como único salvador para os problemas é bastante comum no cinema hollywoodiano. (DALTON, 1996) Mesmo porque, o tempo do longa-metragem para personificar um protagonista é curto e a solução é englobar características genéricas, as quais possam alcançar um número maior de telespectadores que se identifiquem com o que é visto.

Embora Joe tomasse medidas errôneas, ele se preocupava com seus alunos, principalmente no que dizia respeito à violência e às drogas. Após ex-alunos traficantes voltarem à escola para traficar e cobrar os usuários, o diretor tomou a providência de trancar todas as portas do colégio com correntes e cadeados, mesmo indo contra o alvará dos bombeiros. Ainda que suas medidas fossem muito autoritárias, percebemos o zelo com os estudantes que ficaram no colégio, não querendo que se envolvessem em problemas novamente.

O trabalho de Joe foi colocado à prova em uma reunião com Frank. Depois das especulações dos pais dos ex-alunos sobre sua conduta nos jornais locais, Frank o questionou sobre todas as situações anteriores. Sentindo-se pressionado, Joe tentou rebater:

JOE CLARK: Estamos sendo crucificados por um processo que está transformando os negros em uma sub raça permanente, Frank, uma sub raça permanente! Não, mas ninguém quer falar sobre isso, ninguém! O zelo missionário da Sra. Elliot para com Mozart, não tem nada a ver com o nosso problema, nada! Em que Mozart irá ajudar um bando de crianças que ao sair não arranja emprego?

FRANK: Joe, suas batalhas pessoais irão nos custar a guerra! Preocupe-se com as aprovações!

JOE CLARK: E você acha que eu estou preocupado com o que?

FRANK: Fim da discussão! Você vai escrever um pedido formal de desculpas!

JOE CLARK: Eu vou o que?

FRANK: Pedido de desculpas! Pelo seu tratamento com a Sra. Elliott, Darnell e suas grosseiras ofensas às mulheres dessa comunidade! Vai se humilhar, você vai fazer reverência!

JOE CLARK: Se você está pensando que...

FRANK: Vai se acostumando, o mundo é assim! Se você exige tanta disciplina, então comece a aceitar a minha! Porque ao contrário da opinião pública eu sou o negro no comando aqui! (A.C.N.E)

Como podemos observar, as falas de Frank também mudaram os sentidos atribuídos as noções de autoridade e disciplina. Nos primeiros diálogos entre ele e Joe Clark, Frank prezava a parceria, acreditava no trabalho do diretor e, apesar de ocupar um cargo mais elevado que Joe, não aparentava supervalorizar a posição que cada um ocupava no trabalho. Porém, na conversa acima, ao ver as atitudes equivocadas do colega, Frank teve a mesma postura que Joe no colégio, quando retomou uma fala dizendo que ele era o “chefe negro no comando”, ou seja, Frank deixou claro a hierarquia que existia entre eles. É curioso pensar que essa mudança de atitude fez com que ele partilhasse do mesmo valor que Joe atribuía à autoridade e à disciplina.

Notamos que depois da conversa com Frank, Joe permaneceu com a decisão de trancar as portas com cadeados e correntes. Aparentemente, a conversa não surtiu o efeito esperado. Mas contrariamente do que o telespectador imagina, foi a partir desse acontecimento que Joe começou a se envolver mais com seus alunos e os outros professores: desde resolver problemas familiares nas casas dos alunos, readmitir professores e incentivar o trabalho deles, como se surpreender com o trabalho da Sra. Powers ao ensinar o hino do colégio. Joe se mostrou realmente aberto ao diálogo e disposto a dividir responsabilidades, mostrando confiança nos estudantes e nos funcionários. Todas essas mudanças contribuíram, como mostra o filme, para que os alunos conseguissem ser aprovados com sucesso nos testes oficiais.

Analisando o longa-metragem, percebemos que seu roteiro acontece de forma linear: um problema central, o ápice desse conflito e sua solução. Mas, assim como ocorre a mudança paulatina de Joe, a narrativa também desvia o olhar desse modelo de professor “salvador” ao final. A união do chefe dos bombeiros com a Sra. Barrett, mãe representante dos pais que tiveram seus filhos expulsos, fez pressionar o prefeito para armar um flagrante em Joe Clark com as correntes e cadeados nas portas do colégio, até então considerado um crime. O plano foi bem sucedido e o diretor foi algemado e preso. O contraste de autoridade é intrigante: a lei sendo aplicada em um diretor autoritário, o qual constantemente cria táticas e faz com que elas funcionem através de seu poder para que seus alunos fiquem longe do lugar onde ele se encontra, a cadeia. O próprio Clark definiu sua conjuntura como irônica.

Por fim, os alunos da Eastside se juntaram em frente a cadeia para um protesto contra a prisão do diretor Joe Clark. Ele ficou bastante surpreso com a comoção de todos para com sua situação. Em um primeiro momento, supomos que os alunos ouviram o diretor em sua primeira aparição na escola sobre se responsabilizarem por suas vidas escolares. Joe com o megafone na mão orientando os alunos à frente da cadeia nos leva a crer isso. Mas será que eles de fato se responsabilizaram? Foi pela disciplina, ou pela forma autoritária em que ele exigiu bons resultados nos testes, que os alunos se uniram para defendê-lo? Será que para além da formação profissional do professor e do seu fazer pedagógico, as relações de poder também influenciam na constituição dos sentidos de autoridade e respeito?

Na visão de Arendt (1992) a autoridade está correlacionada a responsabilização pelo mundo por parte do educador, incumbido de mostrar o mundo velho para as novas gerações que o desconhecem por serem recém chegadas a ele. Isso é importante para sua formação e inserção na esfera pública, pois à medida que os adultos se responsabilizam pelas instituições, pelas leis, garantindo a “continuidade do mundo” (p.235), devem preparar crianças e jovens para conservar e transformar o mundo.

Nesse sentido, a hierarquia, na teoria da autora, está em reconhecer a existência de uma fronteira entre o mundo dos adultos e o das crianças. Sendo assim, a escola deveria contar com o professor que irá mostrar seu conhecimento sobre o mundo em que já vive, orientando- os alunos de maneira que conheçam o mundo como ele é , preservando, como pensa Arendt (1992, p. 242) o que há de revolucionário em cada criança, “como algo novo em um mundo velho”. O papel da educação é pois propiciar às crianças e aos jovens conhecimentos que permitam a eles transformar o mundo ao qual vieram. Quem assume

responsabilidade pelo mundo diante das crianças tem, segundo Arendt, autoridade, “(...) aceita como uma necessidade natural, requerida obviamente tanto por necessidades naturais, o desamparo da criança, como por necessidade política, a continuidade de uma civilização estabelecida que somente pode ser garantida se os que são recém-chegados por nascimento forem guiados através de um mundo preestabelecido no qual nasceram como estrangeiros” (p. 128). Isso nos leva a entender que Joe não divide o mesmo pensamento que a autora uma vez que ele entende o exercício da autoridade como imposição da sua vontade. Mesmo que os alunos tenham sido aprovados nos exames oficiais podemos considerar que a maneira pela qual Joe impôs a disciplinarização no espaço escolar acabou restringindo-se à lógica da política local uma vez que ele conseguiu exatamente o que os políticos queriam, ou seja, elevar os baixos índices de desempenho dos estudantes e assim melhorar a imagem deles frente aos eleitores.

O Joe Clark professor, da primeira parte do filme, “não teria nunca tolerado a brutalidade do diretor Joe Clark” (DALTON, 1996, p. 106), porque naquele período ele assumiu a sua responsabilidade pelo mundo, recusando submeter-se às reformas educacionais do governo e oferecendo aos seus alunos momentos de reflexão e de crítica a respeito do mundo em que viviam. Com esse objetivo, suas aulas tratavam questões de cunho social, como por exemplo, o racismo nos E.U.A., e nunca a favor da ordem estabelecida.

Já para o professor contestador, minha escolha foi por “Sarafina – O som da Liberdade” por se tratar de um contexto específico e histórico, o qual aborda uma luta política. A imagem inicial é a de um grupo correndo e que atea fogo na escola. Em seguida, o filme exhibe um quadro de Nelson Mandela na parede de uma casa simples em Soweto, área destinada aos negros na época do apartheid. A narrativa da personagem é direcionada a ele durante toda a trama. A vela acesa abaixo do quadro, muito semelhante a rituais sagrados de culto à imagem, explicita a admiração pelo líder. Sarafina mora com a avó, um tio alcoólatra e seus irmãos menores. Sua mãe vive na casa de seus patrões: pessoas brancas abastadas que moram em Parktown, bairro mais rico da cidade. A menina visita sua mãe para buscar dinheiro. Os cenários se contrastam. O ângulo da câmera ao pegar a casa da patroa de baixo para cima reforça essa ideia, mostrando a perspectiva de Sarafina naquele contexto social: não reconhece seu lugar.

A repressão presente no período fica mais clara pelas atitudes de Sarafina dentro da casa onde sua mãe trabalha. Ela acaba se jogando no conforto do sofá, passando por vários

cômodos da residência e até abre as torneiras do banheiro como se de algum modo acreditasse que usufruindo desses recursos, afetaria os privilégios dos patrões. E não só isso, mas também por entender que tais privilégios só existem pelo domínio de seu povo e, por isso, sente-se no direito de usá-los. A mãe dela chama sua atenção por seus modos, afinal é seu trabalho zelar pela casa e mantê-la arrumada. Sarafina não consegue compreender os motivos que levam sua mãe a se sujeitar a um emprego na casa em que os donos são brancos, e a não questionar a questão racial, nem mesmo a ditadura no país.

Parte dessa percepção de Sarafina foi devida ao seu encontro com Mary Masembuko, uma professora negra que lecionava aulas de História na escola da comunidade. A menina caracterizava a docente como louca por não sentir medo de nada. Isso porque, Masembuko contestava os métodos, a presença de soldados na escola e o ensino do currículo oficial que era voltado para a visão dos povos colonizadores e nega a cultura local. As primeiras imagens de Sarafina no ambiente escolar exibem a convocação do diretor com todos os membros da instituição para falar dos incêndios que atingiram a escola. Em seu discurso, o papel da escola é marcado quando diz que a consequência dos incêndios será a falta de um futuro para os jovens. Fala contestada por Masembuko, pois entendia que esse futuro já estava comprometido, muito antes dos incêndios acontecerem, pelas relações de poder autoritárias que mantinham a submissão de uma classe social sob outra. Logo, opunha-se ao regime do seu país e sua ferramenta de luta era oferecer aos alunos uma educação crítica.

MASEMBUKO: Nome do primeiro homem criado?

CLASSE: Adão

MASEMBUKO: Certo! E qual era a cor dele?

CLASSE: Branca

MASEMBUKO: Branca? Quem disse? Nunca vi isso na Bíblia, vocês viram? Lá diz que Deus criou o homem à Sua imagem, isto é, igual a Ele. E qual é a cor de Deus? Vamos, uma cor!

CLASSE: Dourado! Preto! Prateado! Verde!

MASEMBUKO: Verde! Gosto de verde! Que tom de verde? [...] Verde como os dólares? Ou verde como a neblina nos montes de Kinshasa? Deus verde! Humanidade verde! Gosto disso! Agora...quem foi o primeiro homem da África do Sul? Certo, ninguém sabe. Quem foi o primeiro homem branco da África do Sul?

CLASSE: Jan van Riebeeck.

MASEMBUKO: Data?

CLASSE: 1652

Masembuko continuou sua explicação conscientizando os alunos das reais intenções dos homens brancos no país, ao contrário do que era impresso nos livros oficiais e como a História era contada, excluindo as figuras negras e os heróis da luta de seu povo. Porém, era

proibido alterar o currículo, senão os envolvidos eram acusados de subversão. À vista disso, o corpo docente foi chamado para uma reunião com o diretor e os soldados que controlavam aquele espaço assim como investigavam o caso do incêndio. Os docentes foram questionados a respeito do currículo oficial e buscavam a identidade dos alunos “agitadores” por seguirem os ideais de Nelson Mandela. Masembuko não se omitiu e contou aos alunos que o povo todo seguia as ideias do líder, desagradando o exército que entendia essa atitude como uma afronta. A professora não recuou e começou a montar uma apresentação de música com seus alunos. Eles sugeriram a temática “A volta de Mandela”, aceita por todos, inclusive Masembuko. O canto acabou sendo uma ferramenta para combater a opressão. Durante todo o filme há músicas com palavras de ordem para a liberdade do povo negro, resignificando o espaço escolar.

As cenas dos estudantes debatendo sua situação social são frequentes. Suas vivências, como as aulas da professora, os faziam questionar o ensino, as intenções dos boêres e o currículo oficial, pois percebiam a conexão entre esses aspectos e suas condições de vida, bem como a interferência deles na construção de suas identidades; identidades que são impostas e fixadas pelo poder, questionamentos que nos aproximam das colocações de Silva (2000):

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. [...] A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade. (SILVA, 2000, p.83)

Ao se darem conta do controle silencioso a que estavam submetidos através da educação oficial, os alunos concluíram que eles não compartilhavam com os objetivos e o papel das escolas daquele regime de governo e por isso julgavam que os incêndios eram uma forma de contestação e de resistência.

Apesar de reconhecerem o fazer pedagógico de Masembuko, não acreditavam que ela ficaria longe das grades por muito tempo. Então, começaram a praticar justiça com as próprias mãos. Enquanto isso, outros indivíduos se vendiam para os boêres, enxergando assim, a oportunidade de sobreviverem. Sarafina inspirou-se nos princípios da professora, tornando-se cada vez mais próxima dela. Tanto que decidiu ir um dia até a casa de Masembuko. Chegando lá, avistou a professora conversando com Joe Masembuko. Notou o ambiente estranho, a

apreensão da professora ao abrir a porta. No momento em que aguardava, na cozinha, Masembuko terminar a conversa, a chaleira no fogão apitou como a anunciar algo que estivesse por vir. Sarafina derrubou a água no chão e, sem querer notou que existia uma arma escondida atrás do fogão. Assustada, indagou a professora:

MASEMBUKO: O que a traz aqui? Problemas em casa?
 SARAFINA: Os meninos...podem lutar! O que eu posso fazer?
 MASEMBUKO: Há outros meios.
 SARAFINA: Quais?
 MASEMBUKO: Sabem o que dizem. Se quer encontrar um caminho, precisa saber aonde vai.
 SARAFINA: Lugar nenhum!
 MASEMBUKO: Não é verdade. O que você quer?
 SARAFINA: O que VOCÊ quer?
 MASEMBUKO: Eu? Ah, quero muitas coisas! Quero que a guerra acabe, que o ódio acabe, quero que Joe volte para mim. Quero dias calmos e noites maravilhosas. Quero filhos, quero ter um lar.

Nesse momento, Sarafina pegou a arma atrás do fogão e retirou o pano que a envolvia:

MASEMBUKO: Acreditaria se eu dissesse que não é minha?
 SARAFINA: Sim!
 MASEMBUKO: Nunca a segurei. Pertence a Joe.
 SARAFINA: Ele a usa?
 MASEMBUKO: Já usou.
 SARAFINA: Não direi a ninguém.
 MASEMBUKO: Fui sincera. Odeio matanças, odeio violência. Mas não posso ficar quieta enquanto outros morrem por mim. Vou lutar também! Não posso matar. Não me peça para matar. É a história de sempre: e se vierem nos prender? Chegam e vão entrando. Pegamos a arma? Atiramos? Eu atiro? Eu não sei...

O filme exhibe uma relação professor-aluno para além da sala de aula, justificada pela luta histórica do período. Masembuko e seus alunos não se sentiam representados por aquele governo, logo não o respeitavam. Para Sennett (2004, p.295) “As pessoas não são tratadas com respeito simplesmente em obediência a uma ordem de que isso deva acontecer”. Masembuko sim, era respeitada uma vez que reconhecia em seus alunos a relação que se estabelecia com eles. Se, como afirma Sennett (2004, p. 249), “a reciprocidade é o fundamento do respeito mútuo”, o caso dessa professora e dos seus alunos pode nos mostrar que eles se uniram tendo expectativas comuns de justiça num país de extrema desigualdade social.

Em nenhum instante Masembuko voltou atrás em suas atitudes, mesmo sendo ameaçada de morte, porém, o professor que a substituiu quando foi para a prisão, comportou-

se de modo a não contestar a versão dos colonizadores presente nos livros indicados para os alunos. Delineia-se aqui uma diferença entre os negros e os bôeres³, ou entre aqueles que protestam contra o racismo, o segregacionismo racial, valorizando a cultura africana e os que a desvalorizam. Ser branco é ser protagonista e ser negro é aceitar o papel de mero coadjuvante. Sou branco, logo, não sou negro. Grupos dominantes estabelecem as identidades e as diferenças entre elas.

A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. [...] A afirmação de identidade e a marcação da diferença, implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. [...] A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa marcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. [...] Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados. (SILVA, 2000, p.81-82)

Mas, como uma identidade não é imposta sem uma resistência (HALL, 2000, p. 69), os alunos ao valorizarem sua cultura e a importância dela na formação de suas identidades, se revoltaram contra o professor, a escola e os soldados que controlavam a instituição de ensino. Ao mesmo tempo, explodiu uma guerra civil. Os estudantes acabaram se vingando de Sabela, um policial negro, que traiu o seu povo. Com as manifestações e o assassinato do policial envolvendo Sarafina, ela acabou sendo presa e torturada na cadeia. É nesse local que a menina ficou sabendo do suicídio de Mary Masembuko, embora não acreditasse que ela tivesse se matado.

Na prisão, Sarafina amadureceu seus ideais e descobre “que para construir um país livre é preciso, em primeiro lugar, libertar-se a si mesmo do ódio causado pela opressão”. (GOMES, 2008, p. 63) Ela mudou sua visão sobre a escola e os professores submissos. Compreendeu que a resistência, tal como a praticada por Mandela, podia ser ponderada sem ser confundida com subjugação (RODRIGUES, 2012, p. 12). Reconheceu a força da mãe em seu trabalho diário, cuidando da casa e dos filhos que não eram seus em uma casa de classe alta e branca.

³ Descendentes dos colonos calvinistas dos Países Baixos e também da Alemanha, da Dinamarca e de huguenotes franceses que se estabeleceram nos séculos XVII e XVIII na África do Sul cuja colonização disputaram com os britânicos. Os bôeres, hoje conhecidos como africânderes, foram a base principal do regime do apartheid vigente durante décadas na África do Sul. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bôeres>. Acesso em 09/01/2017.

Entendemos que a noção de autoridade para a professora Masembuko é muito próxima à do pensamento de Arendt (1992), pois entende a sua tarefa de educadora como sendo o cultivo e o cuidado para com o mundo comum, tornando-o mais compreensível aos olhos dos seus alunos, para que esses encontrem nele um lugar de pertencimento e possam transformá-lo futuramente.

Para a categoria dos professores “carinhosos e compreensíveis” escolhi o filme *Ao Mestre Com Carinho* e a sua sequência em *Ao Mestre Com Carinho 2*. Essas películas entraram para a análise porque, além de serem uma produção cinematográfica clássica, explicitam a forma como a concepção de autoridade vai sofrendo mudanças no decorrer do tempo.

O primeiro *Ao Mestre, Com Carinho* se passa na década de 60, em Londres. Mark Thackeray está construindo uma autoridade diante da nova profissão. Além de ser novato na escola e na área educacional, ele é totalmente desestimulado pelos outros professores ao chegar no colégio de East End, bairro operário, em que exerceria a função. Thackeray iria assumir uma sala formada por alunos advindos de outras escolas, pois por algum motivo foram recusados a permanecerem naquelas instituições.

De início, ficou sabendo, na sala dos professores, o histórico de desistência dos docentes que tentaram dar aulas para aquela turma. Ao mesmo tempo foi alertado pela professora Gillian que aquela escola não aplicava nenhuma forma de castigos físicos. Thackeray ficou surpreso, pois viveu num contexto em que esse tipo de punição era permitido. Essa observação é relevante porque o personagem que se apresenta sem experiência no campo da educação, incorporou ao longo de sua carreira as noções de autoridade e respeito sem lançar mão dos castigos dentro de um cenário considerado violento.

Frequentemente seus colegas de profissão utilizavam o termo “encorajar” a fim de incentivá-lo a ficar, já que sua formação, na verdade, era a de engenheiro e poderia desistir do magistério frente aos desafios que encontraria. O diretor da escola não agiu de modo diferente. Em sua primeira reunião com o recém chegado lhe disse que era responsável pelo sucesso ou fracasso escolar de seus alunos. Mesmo com a pressão, Thackeray não se esquivou. Ao passar pelos corredores e conhecer sua sala, ele já sentia a atmosfera daquele ambiente escolar. Por vezes, ficava assustado e passava a procurar um emprego em sua área, já que para ele a docência era vista como um “emprego qualquer” e que precisaria encontrar um “emprego de verdade”, ou seja, de engenheiro.

Em sua primeira aula, a atitude dos alunos não foi adversa do que ele já tinha escutado: eles ocupavam todo o espaço da classe, sentados em cima do tampo da mesa ou, permaneciam em pé, conversando; caçoavam do novo professor; e não utilizavam chamamentos adequados uns para com os outros. Thackeray fez a chamada e, em seguida, pediu para que os alunos escolhessem algum trecho para ler, com o objetivo de averiguar o que eles já sabiam. Todos acataram a orientação. Ele também retomou o conteúdo de pesos e medidas, mas Denham, um dos alunos, começou a interromper a explicação do professor com piadas. Thackeray, talvez por se sentir ameaçado, de forma sarcástica disse que apesar deles não possuírem muito conhecimento era bom ver que conseguiam divertir-se com a situação. Esse comportamento nos mostra que o professor quis sobrepor-se aos seus alunos, presumindo que era ele quem detinha o maior conhecimento ali. Depois, exigiu que o chamassem por uma maneira mais respeitosa, como “senhor”, colocando os limites da relação professor-aluno. Ainda, utilizou o mapa de sala onde definia o lugar de cada estudante, possibilitando o controle da postura deles como conversas paralelas e a circulação constante pelo espaço, atrapalhando o andamento da aula.

Por mais que o professor tivesse delimitado o que seria permitido em sala e o que não seria, os alunos não cessaram com as brincadeiras. Então, Thackeray acabou tendo um surto na frente dos seus alunos. Dirigiu-se para a sala dos professores e, em conflito com a profissão, pensou em caminhos que o ajudassem a conquistar o respeito e construir sua autoridade. Cansado das armações e falta de respeito, ele mudou sua conduta. Em uma de suas aulas, ele jogou os livros na lixeira da sala. Os alunos ficaram espantados, como se a imagem que possuíam do que é ser professor sofresse uma ruptura. Nesse momento, Thackeray, dirigindo seu olhar para a classe, disse que os livros não seriam mais necessários uma vez que percebeu que eles já estavam se transformando em adultos, por isso as aulas seriam sobre temas que eles tivessem interesse e curiosidade, como a vida, sobrevivência, amor, morte, sexo, casamento e revolução. Ademais, tiraria as dúvidas e daria espaço para as opiniões dos estudantes assim que terminasse sua fala sem interrupções. Mas, para que a relação entre eles funcionasse dessa forma, seria preciso que os jovens fossem cordiais, cuidassem da aparência e refletissem sobre o futuro não somente em termos profissionais, mas também afetivos, amorosos, como o casamento, por exemplo. Não era comum a liberdade de expressão com os mais velhos, ainda mais sobre esses temas. Com a abertura dada pelo professor, logo um rapaz sentiu confiança em perguntar:

ALUNO: O que quis dizer outro dia sobre rebelião, senhor?

TACHERAY: Mudança! Os seus estilos de cabelos, por exemplo, é uma forma de rebelião, não é? [...] Não fazem isso apenas para serem diferentes dos adultos, não é esse o motivo? [...] Por isso rebelam-se...Até seu modo de vestir é uma forma de rebelião, não é mesmo?

ALUNA: É apenas uma nova moda, senhor...É claro, os adultos ficam bem idiotas nos nossos trajes!

ALUNA 2: Acha que é errado mudar, ser diferente, rebelar-se, senhor?

THACKERAY: É dever de vocês mudarem o mundo, se puderem! Não pela violência, pacificamente. Individualmente, não como uma turba. Vejam os Beatles, começaram uma vasta revolução social: as modas que criaram, as músicas, as roupas, os penteados...são mundiais agora! Cada nova moda é uma forma de revolução. Olhem, tem uma bela exposição de trajes através dos séculos no Museu Victoria e Albert. Eu acho que deviam ir até lá. E também deviam para ver o Museu de História Natural.

A mudança da estrutura da aula beneficiou a relação aluno-professor. Se, de um lado, Thackeray foi respeitado e ouvido, do outro, os alunos também se sentiram do mesmo modo. Os jovens pareciam ter se interessado mais por ser um assunto pertencente à idade e ao cotidiano deles, tanto que a ideia de visitar o museu como forma pedagógica emergiu do debate.

Conseguir a realização do passeio com a direção não foi tarefa fácil. O diretor não acreditou ser possível sair portão afora com adolescentes que não possuíam comportamento adequado no ambiente escolar. Por insistência do professor, o diretor prometeu consultar os membros do conselho escolar, desde que mais algum docente acompanhasse a turma junto com Thackeray.

Logo as mudanças na postura dos alunos foram acontecendo e sendo notadas pelos professores e dirigentes da escola, contribuindo para a ida ao museu. Todos estavam arrumados no dia da exposição, o que nos faz pensar que não era comum para eles estar nesse espaço cultural. As imagens desse episódio revelam a diversão e o aproveitamento deles. Em outras cenas, vemos que o professor começou a auxiliar os jovens em suas vidas cotidianas, como por exemplo, fazer uma salada, apoiar o aluno cuja mãe estava doente ou até mesmo permitir que uma estudante permanecesse em sala de aula com o bebê, de quem era babá.

Desde então, a relação professor-aluno fica foi ficando cada vez mais estreita. Esse vínculo. Provocou também alterações no contato dos jovens com os outros professores. Nesse sentido, destaquei algumas cenas, as quais descrevo a seguir.

Senhor Bell, professor de educação física, ao trabalhar saltos com o grupo de rapazes, obrigou o aluno Buckley, que estava acima do peso, a saltar um obstáculo. O aluno recusou-se a saltar, alegando que o obstáculo era muito alto para ele. É curioso reparar que os jovens aplicaram os ensinamentos de Thackeray em os outros âmbitos de suas vidas, pois no conflito entre o professor de educação física e o aluno, Buckley disse que não era mais um garoto e sim um homem apto para tomar as decisões que julgasse certas. Os outros jovens apoiaram a decisão do colega, porém o professor não aceitou a recusa de Buckley, ordenando que pulasse o obstáculo e assim, o garoto o fez. O resultado foi uma queda e o estarecimento da classe diante do acontecido. Um dos alunos, chamado Potter, pegou um pedaço de madeira para atacar o Sr. Bell. A ajuda que os alunos buscaram foi a do senhor Thackeray, que os acalmou no momento. Posteriormente, ele tentou conversar com Sr. Bell. Iniciou sua conversa, dizendo que os alunos o acusaram de perseguição em suas aulas, mas, o colega o deixou falando sozinho. Na cena seguinte, Thackeray conversou com os alunos, mostrando porque a situação saiu do controle:

THACKERAY: Potter, eu não posso pensar em nada que desculpe a sua conduta!

POTTER: Mas foi ele, senhor, obrigou o gorducho a saltar! O gorducho disse que não podia! O maldito perverso sempre implicou com ele!

TACHERAY: Não me importa a conduta do senhor Bell, mas a sua! E se invés de um pedaço de pau houvesse um revólver ou uma faca na mão?

DENHAM: Então, Potter se exaltou, aliás todos nós. E o patife estava errado e sabe muito bem disso!

THACKERAY: Você não entendeu, Denham! Como vocês todos...Mais umas semanas e irão enfrentar o mundo. Irão usar uma arma cada vez que alguém ofender vocês? E ainda estão estudando auto disciplina aqui! Potter, você deve ao Sr. Bell uma desculpa.

DENHAM: Por que ele tem que se desculpar? Ele vai pedir desculpas só porque Bell é um professor, né?

THACKERAY: É melhor responder isso, Potter! Você acha que se comportou como um adulto?

DEHAM: Que tal Bell se desculpar com Buckley?

THACKERAY: Meu assunto é com vocês e não com Bell!

DENHAM: É fácil falar, ninguém está empurrando o senhor!

THACKERAY: Então, Potter, é um homem ou um marginal?

DENHAM: Faz, Potter! O Bell vai botar você na frente da lei se não fizer! E vai precisar de recomendação para o emprego daqui duas semanas e ele vai ter que assinar, não é?

THACKERAY: Isso não tem nada a ver com o que eu assine ou não assine.

DENHAM: Nunca teve um professor em que a gente pudesse confiar. Só estamos seguros juntos, contra eles, como tem sido sempre!

No diálogo podemos ver que Denham expôs suas impressões sobre a relação dos alunos com os professores. Fica evidente o motivo que o levou a agir desrespeitosamente quando em seu discurso demonstrou sua desconfiança em relação a todos os professores. Embora a situação pareça configurar uma desestabilização na relação professor-aluno, antes apoiada em respeito e confiança mútua, podemos perceber que Denham continuou tratando Thackeray como “senhor”, enquanto que para referir-se ao professor de educação física, empregou somente o seu primeiro nome. Os questionamentos de Denham demonstram como os alunos entendiam a relação deles com os seus professores, dando-nos a entender que nem sempre os alunos deveriam concordar com os docentes, como foi o caso da discordância deles sobre o pedido de desculpas ao prof. de educação física.

Denham não se conformou com a postura de Thackeray, então, ao saber que ele substituiria o prof. Bells numa aula de boxe, preparou um plano. Nessa aula, Thackeray pediu para que os meninos formassem duplas, porém o número de presentes era ímpar. Mais do que depressa Denham sugeriu que ele e seu professor formassem uma duplas. Thackeray, supondo não ser uma boa opção, se recusou. Insistente, Denham o convenceu. De início, o acertou com vários socos, ao mesmo tempo que os outros rapazes gritavam a favor do jogo de corpo do colega. Thackeray revidou com um soco no estômago que fez Denham cair. O professor o ajudou levantar-se e encerrou-se a aula. Para amenizar a situação, os alunos elogiaram a performance do amigo. Não adiantou. No seu íntimo, Denham sabia que Thackeray o poupou de outros golpes. Ficou intrigado com isso:

DENHAM: Ei, posso te perguntar uma coisa? Quantas vezes me acertou?

THACKERAY: Uma e eu lamento muito! Eu não queria machucar você, mas eu perdi a cabeça!

DENHAM: Mas eu estava querendo lhe machucar...

THACKERAY: E conseguiu! Você é muito bom!

DENHAM: E por que não me acertou de novo? Então por que não lutou? Você podia me pegar! Eu estou atrás de você desde que chegou aqui! Está com medo de mim? O quê que é?

THACKERAY: Bater em você não resolveria muita coisa, não é mesmo?

DENHAM: Bom, isso é verdade...mas eu não consigo entender você! [...] Estava errado quanto ao Potter!

THACKERAY: É, do ponto de vista dele. Na idade dele.

DENHAM: As meninas estavam certas quanto ao falatório.

THACKERAY: Do ponto de vista delas.

DENHAM: Mas que história de ponto de vista?

THACKERAY: Isso é uma coisa que você vai ter que deduzir sozinho!

Aqui, Denham conheceu Thackeray para além de ser um professor, principalmente, ao revelar que perdeu a cabeça dando-lhe um golpe. Uma confissão que um professor daquela escola jamais faria, mas Thackeray, ao fazê-la, mostrou que apesar das diferenças era possível preservar, como pensa Sennett (2004, p.249), uma base de reciprocidade entre eles.

Não foram só esses desafios enfrentados pelo docente em sua carreira. Ele passou por diversos momentos em que o racismo se evidenciava nas “brincadeiras” e no tratamento dos estudantes. A comunidade, mesmo sendo de classe baixa e estigmatizada na sociedade, também carregava alguns preconceitos raciais e de gênero. Esses preconceitos apareceram em vários momentos do filme entrelaçados à maneira como seus personagens entendiam os sentidos de autoridade e respeito.

A sequência da produção cinematográfica de *Ao Mestre, Com Carinho 2* é uma extensão não só do filme, como dos conflitos encontrados por Thackeray. No entanto, identificamos que após trinta anos a forma como esses conflitos são manifestados mudou. O professor chegou muito mais confiante de seu papel na escola, dessa vez em Chicago. Ainda cobrava que os alunos o chamassem por “senhor” e que sentassem em seus lugares. Não se importava em contar sua história de vida. Diferente do primeiro filme, ele apresentou-se de forma mais confiante, de quem já passou por isso antes. Enfrentou a turma H, formada por negros e latinos, caracterizada, pelos outros docentes, como sendo a dos alunos incorrigíveis.

Thackeray encorajava os jovens a compartilharem suas vivências com os outros alunos. Quando os alunos, um por vez, começaram a dizer como se enxergavam, todos confirmaram as características já marcadas de cada um. O professor questionou essa auto “imagem” na tentativa de aumentar a autoestima dos alunos e, com ela, as perspectivas pessoais e profissionais. Um trecho do filme expõe essa tentativa de Thackeray ao conversar com alunos membros de gangues e que estavam envolvidos com o tráfico de drogas, de armas e com a prostituição:

THACKERAY: Sr. Laredo, diga-nos quem é!

LAREDO: É para já. “Quem sou”, por Danny Laredo. Eu sou o cara.

THACKERAY: O cara?

LAREDO: Se quer uma coisa, fale comigo.

THACKERAY: Que gênero de coisa? Se soubesse o que queria, iria ter com você?

LAREDO: Está certo!

THACKERAY: É isso que é?

LAREDO: Está certo de novo!

THACKERAY: E se eu quiser algo que não possa arranjar? Quem seria então, Sr. Laredo?

Assuntos pertinentes à vida dos alunos, como machismo, racismo e outros de cunho social eram abordados entre os estudantes e o professor. Logo nos primeiros dias de trabalho, o educador foi chamado pela diretoria. O problema que requeria cuidado era referente às gangues nas quais os alunos estavam envolvidos, todos pertencentes à turma H. O diretor continuou a reunião contando sua preocupação com a experiência educacional de Thackeray, que, na sua opinião, era distante do que viveu no passado e da realidade atual da escola, portanto seria necessário alguém que conhecesse os jovens a fim de contornar os conflitos. O professor, porém, rebateu os argumentos do diretor do colégio:

THACKERAY: Queria falar comigo?

HORACE: Soube do incidente entre gangues ontem a noite. É uma situação bastante medieval e atrocidade por um lado tem que ser revidada por uma atrocidade do outro lado.

THACKERAY: A polícia sabe quem estava envolvido?

HORACE: Wilsie e o irmão, Arch. Estão ambos na sua sala. Precisam de alguém experiente.

THACKERAY: Eu tenho 28 anos de experiência!

HORACE: Em Londres. E está aposentado. Posso acabar esquarterado por não colocar alguém que conheça aqueles meninos, que saiba como eles são.

THACKERAY: Que já tenha uma opinião formada sobre o que são, sem mesmo tê-los conhecido. Isso não é experiência, isso é preconceito!

HORACE: Sabe que não sou disso.

THACKERAY: No momento em que aqueles meninos foram colocados no setor H, o futuro deles foi truncado. Isso é preconceito. Eles não têm a aparência esperta e brilhante dos vencedores, então se acomoda deixando que sejam perdedores. Isso é preconceito. Eu estou tentando abrir a mente deles, Horace. Mas o que adianta se sua mente já está fechada?

Considerando a extensa carreira do docente e os desafios que já enfrentou diante de outras salas “problema”, somos levados a crer que Thackeray impõe sua pessoa pelo que acredita ser melhor para os estudantes, mesmo não ocupando um cargo maior que o diretor. Cada vez mais ele se distanciava das ideias da diretoria, pois sempre que se envolvia na vida dos jovens, algumas regras eram quebradas. Um desses momentos aconteceu quando flagrou um dos seus alunos, membro de uma gangue, passando uma arma para outro colega através de uma janela, tentando evitar o sensor de metais. Thackeray lembrou-se de um caso de vingança anunciado pelo diretor em sua reunião e então correu para barrar o aluno, o qual negou estar com a arma, mas Thackeray persistiu, mesmo sob ameaças. O aluno resolveu entregá-la desde

que o professor, ao levar a arma à polícia, não o delatasse. Com a investigação do delegado, Thackeray foi encurralado para anunciar o nome do responsável pelo revolver. Negando-se, perdeu seu emprego. A notícia chegou aos alunos que tentavam compreender as razões de sua saída, mas o professor se recusou a explicar os motivos de sua demissão.

A relação entre professor- aluno estava ficando cada vez mais sólida por conta da preocupação de Thackeray com os problemas pessoais dos estudantes. Além do episódio da arma e das gangues, ele ajudou a aluna Torrado a se livrar da prostituição, assim como arranhou emprego para Evie enquanto sua mãe estava presa.

O fazer pedagógico de Thackeray, as estruturas das suas aulas, as conversas em torno dos problemas da juventude, seu esforço em fazer com que os estudantes “realizassem algo mais permanente que a própria vida” (ARENDR, 2000, p. 68) são mostrados nos dois filmes.

Se, como afirma Arendt (1992, p. 238), a escola é a “instituição que interpomos entre o domínio privado do lar e o mundo com o fito de fazer com que seja possível a transição, de alguma forma, da família para o mundo”, podemos dizer que Thackeray, enquanto professor, ajudou seus alunos a fazerem essa passagem da vida privada⁴ - na qual ou estavam voltados para si mesmos e seus problemas, ou, na qual o que valia era a lei do mais forte, as vinganças juradas de morte, a sobrevivência nua e crua - para a esfera pública⁵ - espaço em que as regras e as instituições devem “sobreviver ao ciclo natural da vida e da morte das gerações a fim de que se garanta alguma estabilidade a uma vida que se encontra em constante transformação, num ciclo sem começo nem fim no qual se englobam o viver e o morrer sucessivos” (CESAR e DUARTE, 2010, p. 825) .

Parece-nos que Thackeray assumiu a responsabilidade pelo mundo diante dos seus alunos, o que lhe garantiu autoridade e respeito. Não deixou os alunos abandonados à própria

⁴ É em relação a (...) esfera pública que o termo “privado” em sua acepção original de “privação”, tem significado. Para o indivíduo, viver uma vida inteiramente privada significa, acima de tudo, ser destituído de coisas essenciais à vida verdadeiramente humana: ser privado da realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros, privado de uma relação “objetiva” com eles decorrente do fato de ligar-se e separar-se deles mediante um mundo comum de coisas, e privado da possibilidade de realizar algo mais permanente que a própria vida. ARENDR, Hannah, A condição humana. Rio de Janeiro:Forense Universitária, 2000, p. 68.

⁵ A esfera pública, enquanto mundo comum, reúne-nos na companhia uns dos outros e contudo evita que colidamos uns com os outros (...). O que torna tão difícil suportar a sociedade de massas não é o número de pessoas que ela abrange, ou pelo menos não é este o fator fundamental; antes é o fato de que o mundo entre elas perde a força de mantê-las juntas, de relacioná-las umas às outras e de separá-las. ARENDR, Hannah, op. cit, p.62

sorte, sob o domínio tirânico de gangues violentas⁶, nem recorreu ao autoritarismo, estigmatizando os alunos, ou tomando atitudes sem ouvi-los, sem inteirar-se dos acontecimentos.

⁶ Numa passagem do seu texto “A crise na educação”, Arendt refere-se às crianças submetidas a um processo educacional que suprime a autoridade do professor e as deixam sujeitas à “tirania da maioria”. As crianças são banidas do mundo dos adultos, jogadas a si mesmas, produzindo nelas reações de conformismo ou de delinquência juvenil, frequentemente, como diz Arendt, uma mistura de ambos. ARENDT, Hannah, Entre o passado e o futuro, p.230-231.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora, na atualidade, o acesso a filmes seja cada vez maior e as imagens ganhem espaço como uma forma de linguagem, ainda são poucas as monografias que recorrem à análise fílmica para abordar o problema de pesquisa, sendo que, no período de quinze anos, apenas dois TCCs fizeram o recorte de cenas que englobam a relação professor-aluno.

Considerando que os filmes elegidos por Fidalgo (2002) para seu estudo, repercutem, em geral, um padrão de professores, comumente vistos como “luzes brilhantes nas escolas da escuridão”, (DALTON, 1996) observei que, assim como o fazer pedagógico, as características pessoais e os conflitos, as noções de autoridade e respeito, na maioria dos filmes analisados, são deturpadas, cristalizando modelos que contribuem para que o público construa imagens idealizadas de professores. Segundo Ellsworth (2001):

O endereçamento de um filme [...] convida não apenas à atividade da construção do conhecimento, mas também à construção do conhecimento a partir de um ponto de vista social e político particular. Isso faz com que a experiência de ver os filmes e os sentidos que damos a eles sejam não simplesmente voluntários e idiossincráticos, mas relacionais – uma projeção de tipos particulares de relações entre o eu e o eu, bem como entre o eu e os outros, o conhecimento e o poder. (ELLSWORTH, 2001)

Portanto, ao averiguar quais os sentidos de autoridade e respeito na relação professor-aluno que circulavam nas cenas dos filmes, percebemos melhor o que Hannah Arendt compreendia sobre a “crise na educação”, associando-a à perda de autoridade no mundo moderno que, por sua vez, perpassa o mundo escolar, alterando as relações entre professores e alunos

Essa crise perpassa as imagens dos filmes que escolhi para analisar. Em “Meu mestre, minha vida”, por exemplo, apesar dos objetivos pedagógicos serem atingidos, a autoridade do mestre se impôs por meio da coerção. Segundo Arendt, “(...) onde a força é utilizada, a autoridade em si mesmo fracassou” (1992, p.129). Em Sarafina, o cenário é de extrema repressão e coerção. Soldados vigiavam a escola e o currículo oficial expressava somente a visão dos colonizadores. Por outro lado, a professora Masembuko ajudou os alunos a refletirem a respeito da ditadura instalada no país e o quanto suas vidas eram afetadas pelo autoritarismo do governo. Não eram solicitados a obedecer, mas a observar e a relacionar o que sentiam na própria pele com os fatos que se desenrolavam no país. Mesmo após o desaparecimento da professora, provavelmente assassinada na prisão, ela conservou a sua autoridade pois continuou sendo respeitada, principalmente, por sua coragem. Quanto a Sarafina, após ter sido presa e torturada, podemos ficar com a impressão de que a força da

violência à qual foi submetida poderia torná-la mais acomodada à ordem vigente, porém, contrariando a relação ordem-obediência, arriscamos dizer que a vivência com a professora Masembuko aprimorou sua capacidade de reflexão. Na solidão da prisão, resignificou a vivência com a professora Masembuko, aprimorando, um diálogo consigo mesma, ou seja, sua capacidade de reflexão. Aqui, fazemos uma aproximação com Arendt (1995, p. 134), quando afirma que “(...) pensar e estar completamente vivo são a mesma coisa, e isto implica que o pensamento tem sempre que começar de novo; é uma atividade que acompanha a vida e tem a ver com os conceitos como justiça, felicidade e virtude, que nos são oferecidos pela própria linguagem, expressando o significado de tudo o que acontece na vida e nos ocorre enquanto estamos vivos”.

Mas, uma crise “só se torna um desastre quando respondemos a ela com juízos pré-formados, isto é, com preconceitos. Uma atitude dessas não apenas aguça a crise como nos priva da experiência da realidade e da oportunidade por ela proporcionada à reflexão” (ARENDR, 1992, p.223). Arendt nos alerta sobre a importância dessa crise principalmente pelo fato dela possibilitar refletirmos sobre a educação, “(...) cuja tarefa é sempre abrigar e proteger alguma coisa – a criança contra o mundo, o mundo contra a criança, o novo contra o velho, o velho contra o novo” (Arendt, 1992, p.242).

Assim como a crise da educação pode propiciar o surgimento de algo novo gerado em meio a essa tensão entre os que já estão aqui e os recém-chegados (CESAR e DUARTE, 2010, p.835), os filmes analisados também não podem ser vistos apenas em sua literalidade, uma vez que são atravessados por cenas que rompem com a padronização muitas vezes imposta pela indústria cinematográfica. Nesse sentido, podemos perceber que Joe Clark, personagem do filme *Meu mestre, minha vida*, apesar de ser classificado como um educador disciplinador, nem sempre agiu de forma a coagir os estudantes; que Masembuko, professora de Sarafina, é admirada por manter-se firme e fiel à luta contra a ditadura, por não se modificar e nem modificar sua atitude frente aos alunos, até nos momentos de perigo. Sarafina, por sua vez, vai se transformando à medida que vivencia certos acontecimentos, porém, sem submeter-se. Thackeray, em *Ao Mestre, Com Carinho*, é um professor em constante processo de construção. Ainda que possa ser caracterizado como um “professor bonzinho”, “carinhoso”, “compreensivo”, em muitas cenas, ele mostra sua autoridade com rigor, sem usar de coação. Para além da sua bondade, um adulto que assume a responsabilidade pelo mundo.

Finalizo este TCC, entendendo que nenhuma obra é criada no vazio e, por mais neutra que possa parecer, é na riqueza dos seus múltiplos sentidos que encontramos possibilidades de reflexão, ou seja, de pensamento. Analisar esses filmes tendo como pano de fundo os conceitos de autoridade e respeito na relação professor-aluno e como inspiração os autores que me acompanharam nessa jornada, me fez compreender mais profundamente que a educação, mais especificamente, a escola, pode contribuir para que o aluno tenha uma “experiência pensante” (ALMEIDA, 2010, p. 865), compartilhando com os adultos os sentidos que damos ao mundo e possa “empreender alguma coisa nova e imprevista para nós” (ARENDRT, 1992, p. 247).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Vanessa. A distinção entre conhecer e pensar em Hannah Arendt e sua relevância para a educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n.3, set./dez. 2010, p. 853-865,

ARENDRT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 3ª ed., São Paulo: Ed. Perspectiva, 1992.

_____. **A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar**. Rio de Janeiro, 1995.

_____. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CÉSAR, Maria Rita de Assis e DUARTE, André. Hannah Arendt: pensar a crise da educação no mundo contemporâneo. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v.36, n.3, set./dez. 2010, p. 823-837,

CHAUÍ, Marilena. A não violência do brasileiro, um mito interessantíssimo. In: GALVÃO, W.N. e BENTO PRADO, J.R. (coords.) **Almanaque 11: Educação ou Desconversa?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

DALTON, M. Mary. O currículo de Hollywood: quem é o “bom” professor, quem é a “boa” professora? In **Revista Educação e Realidade**, nº 21(1), jan/jun 1996, p. 96-122.

DUARTE, Rosalia. **Cinema & Educação: refletindo sobre cinema e educação**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2002.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Tradução de Tomaz T. da Silva. B.H.: Ed. Autêntica, 2001, p. 7 -77.

FAVARI, Mariana de. **Cenas da relação professor-aluno: cinema e psicanálise**. Orientação de Ana Archangelo. Campinas, SP: [s.n.], 2008. 100 f. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=36716&opt=4>>. Acesso em: 27 mar. 2016.

FIDALGO, Edelweiss Ricci. **A construção da imagem do professor no cinema hollywoodiano**. Orientação de Norma Sandra de Almeida Ferreira. Campinas, [SP: [s.n.], 2002. 92f. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000295411&opt=4>>. Acesso em: 27 mar. 2016.

GOMES, Nilma Lino. **Os múltiplos sons da liberdade**. In: TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro, LOPES, José se Sousa Miguel (orgs.) **A Escola vai ao cinema**. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, (Coleção: Cinema, Cultura e Educação), 2008. p.63-71.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

KLAUSS, Viviane. Cinema & Educação: refletindo sobre cinema e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n.23, maio/jun/jul/ago 2003, p. 171-173. Resenha.

NÓVOA, Jorge. Apologia da relação Cinema-História. *In Olho da História no. 1* – **Revista de História Contemporânea**. Departamento de Mestrado em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFBA, 1995.

RODRIGUES, Ricardo Santos. Entre o passado e o agora: diáspora negra e identidade cultural. **Revista EPOS**, Rio de Janeiro, vol.3, n.2, dezembro de 2012. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2012000200008&lng=pt&nrm=iso . Acesso em 09/01/2017.

SENNETT, Richard. **Respeito**: a formação do caráter em um mundo desigual. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **Identidade e diferença**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 73 – 102.

WIKIPÉDIA, Enciclopédia Livre <Site: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bôeres>.> Acesso: 09/01/02017.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: ANPEd, nº23, maio/jun/jul/ago, 2003, p. 62-74.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fotografar, documentar, dizer com a imagem. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro: UERJ, NAI, n.18, p. 27 - 54.

CANELAS, Letícia Gregório e WUNDER, Alik. **Cartas para Angola. Guia para professores**. S.P.: Secretaria de Estado da Cultura, Programa de Ação Cultural, 2011. Disponível em www.laboratoriocisco.org/cartas . Acessado em 16/03/2016.

FABRIS, Elí Henn. Cinema e Educação: um caminho metodológico. **Educação & Realidade**. n.33(1), jan.jun 2008, p. 117-134.

GIROUX, Henry. O filme Kids e a política de demonização da juventude. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 21, n. 1, jan./jun. 1996, p. 123 – 136.

GUIMARÃES, Áurea M. O cinema e a escola: formas imagéticas da violência. **Cadernos Cedex**, ano XIX, n. 47, dezembro/1998, p.104 – 115.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro, LOPES, José se Sousa Miguel, DAYRELL, Juarez (org.) **A juventude vai ao cinema**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica (Coleção: Cinema, Cultura e Educação), 2009.

ANEXOS

Fichas Técnicas – Fonte: <https://www.cineclick.com.br> - Acesso: 22 nov. 2016.

1. Um Tira no Jardim de Infância

Gênero: Comédia

Direção: Ivan Reitman

Roteiro: Murray Salem

Elenco: Arnold Schwarzenegger, Carroll Baker, Cathy Moriarty, Linda Hunt, Pamela Reed, Penelope Ann Miller, Richard Tyson

Produção: Brian Grazer, Ivan Reitman

Fotografia: Michael Chapman

Trilha Sonora: Randy Edelman

Duração: 111 min.

Ano: 1990

País: Estados Unidos

Cor: Colorido

Estúdio: Imagine Entertainment / Universal Pictures

Sinopse: John Kimble é um dos elementos mais durões da Força Policial. Ele conseguiu capturar um grande traficante de drogas e precisa desesperadamente do depoimento da ex-mulher do bandido para trancafiá-lo para sempre. Kimble descobre que a mulher está escondida numa pequena cidade. Para localizá-la, ele e sua parceira se disfarçam de professores. Só que ela passa mal e Kimble é obrigado a conduzir uma classe com mais de 20 alunos, entre 4 e 6 anos de idade, que transformam sua vida num inferno. Um inferno hilariante e divertido, dirigido por Ivan Reitman em seu segundo trabalho com Arnold Schwarzenegger depois de Irmãos Gêmeos. Acompanhe a força bruta deste exterminador da polícia frente a fúria descontrolada de uma dezena de crianças, num dos mais divertidos filmes já produzidos nos últimos tempos.

2. Meu Mestre, Minha Vida

Gênero: Drama

Direção: John G. Avildsen

Roteiro: Michael Schiffer

Elenco: Alan North, Beverly Todd, Morgan Freeman, Robert Guillaume

Produção: Norman Twain

Fotografia: Victor Hammer

Trilha Sonora: Bill Conti

Duração: 109 min.

Ano: 1989

País: Estados Unidos

Cor: Colorido

Estúdio: Warner Bros

Sinopse: A escola Eastside está à beira do caos. Gangs de traficantes, vândalos e punks estão à volta. Há uma última esperança para salvá-la. Seu nome é Joe Clark. E armado com um taco de baseball e um megafone, ele consegue trancar as portas da escola, deixando os arruaceiros para fora e os esforçados para dentro. Logo ele desperta a revolta dos pais e professores que não concordam com seus métodos de ensino. Mas é amado por muitos jovens e visto como um exemplo a ser seguido. A polêmica causada em torno de Joe transcende os muros da escola. Chega até a capa da revista Time e ele se torna um símbolo de luta para moralizar a educação. Uma história real que comoveu o mundo. Aprenda com Joe a não depender de desculpas, drogas ou crimes: “Se vocês estudantes não tiverem sucesso na vida, eu quero que culpem a si próprios.” Meu Mestre, Minha Vida, uma verdadeira lição de vida.

3. Música do Coração

Gênero: Drama

Direção: Wes Craven

Roteiro: Pamela Gray

Elenco: Aidan Quinn, Angela Bassett, Cloris Leachman, Gloria Estefan, Jean Luke Figueroa, Meryl Streep

Produção: Alan Miller, Marianne Maddalena, Stuart M. Besser, Susan Kaplan, Walter Scheuer

Fotografia: Peter Deming

Trilha Sonora: Diane Warren, Mason Daring

Duração: 126 min.

Ano: 1999

País: Estados Unidos

Cor: Colorido

Estúdio: Paris Video/ Miramax Filmes/Lumiére

Sinopse: Roberta é uma violinista que nunca se profissionalizou por ter se dedicado unicamente à família. Quando seu marido a abandona ela decide seguir seu sonho e começa a dar aulas de violino para crianças pobres do East Harlem. “Música do coração” é a história verdadeira e inspiradora de uma mulher que, ao aprender a acreditar em si mesma, foi capaz de dar a incontáveis crianças um belo presente: ela provou que elas eram capazes de fazer qualquer coisa na vida.

4. Sarafina – O Som da Liberdade

Gênero: Musical

Direção: Darrell Roodt

Roteiro: Mbongeni Ngema

Elenco: Duminasi Dlamini, John Kani, Leleti Khumalo, Mbongeni Ngema, Miriam Makeba, Siphon Kunene, Whoopi Goldberg

Produção: Anant Singh, David M. Thompson

Fotografia: Mark Vicente

Trilha Sonora: Mbongeni Ngema, Stanley Myers

Duração: 117 min.

Ano: 1992

País: Estados Unidos / França / Reino Unido / África do Sul

Cor: Colorido

Estúdio: Warner Bros/ Miramax Films

Sinopse: Um novo mundo é revelado a jovens estudantes na África do Sul quando uma professora revolucionária desafia as autoridades e lhes ensina o que não está nos livros escolares. Para uma aluna em especial, Sarafina, essas lições proibidas terão um impacto capaz de mudar para sempre sua vida.

5. Sociedade dos Poetas Mortos

Gênero: Drama

Direção: Peter Weir

Roteiro: Tom Schulman

Elenco: Allelon Ruggiero, Carla Belver, Dylan Kussman, Ethan Hawke, Gale Hansen, James Waterson, Josh Charles, Kurtwood Smith, Norman Lloyd, Robert Sean Leonard, Robin Williams

Produção: Paul Junger Witt, Steven Haft, Tony Thomas

Fotografia: John Seale

Trilha Sonora: Maurice Jarre

Duração: 128 min.

Ano: 1989

País: Estados Unidos

Cor: Colorido

Estúdio: Touchstone Pictures

Sinopse: Quando o carismático professor John Keating, estrelado por Robin Williams, chega àquele colégio conservador, com seu moderno método de ensino, desperta em seus alunos um novo questionamento, uma nova forma de vida. “Carpem Diem, rapazes! Aproveitem o dia! Faça de suas vidas algo extraordinário!”: com essas palavras ele estimulou os jovens a viverem cada minuto de suas vidas intensamente. Sociedade dos Poetas Mortos provocou em todos os países, um forte impacto nas relações entre pais e filhos e entre professores e alunos.

6. Mudança de Hábito 2: Mais Loucuras no Convento

Gênero: Comédia

Direção: Bill Duke

Roteiro: James Orr, Jim Cruickshank, Judi Ann Mason

Elenco: Bernard Hughes, Brad Sullivan, James Coburn, Jennifer Love Hewitt, Kathy Najimy, Lauryn Hill, Maggie Smith, Mary Wickes, Michael Jeter, Robert Pastorelli, Wendy Makkena, Whoopi Goldberg

Produção: Dawn Steel, Scott Rudin

Fotografia: Oliver Wood

Trilha Sonora: Miles Goodman

Duração: 107 min.

Ano: 1993

País: Estados Unidos

Cor: Colorido

Estúdio: Touchstone Pictures

Sinopse: Deloris Van Cartier, a cantora de Las Vegas, está de volta ao hábito nesta história engraçadíssima. Desta vez, Deloris atende ao pedido especial das irmãs do Convento Santa Catarina. Elas querem que Deloris seja a nova professora de música de uma escola repleta de terríveis adolescentes. Assim, mais uma vez, ela veste seu disfarce de “irmã” Mary Clarence para realizar sua missão: transformar um bando de adolescentes desafinados num coral capaz de ganhar o prêmio do festival. A única maneira de impedir que a escola seja definitivamente fechada.

7. Ao Mestre, Com Carinho

Gênero: Drama

Direção: James Clavell

Roteiro: James Clavell

Elenco: Adrienne Posta, Avis Bunnage, Christian Roberts, Christopher Chittell, Cyril Shaps, Edward Burnham, Faith Brook, Fiona Duncan, Gareth Robinson, Geoffrey Bayldon, Judy Geeson, Lulu, Marianne Stone, Mona Bruce, Patricia Routledge, Rita Webb, Roger Shepherd, Sidney Poitier, Suzy Kendall

Produção: James Clavell

Fotografia: Paul Beeson

Trilha Sonora: Ron Grainer

Duração: 105 min.

Ano: 1967

País: Reino Unido

Cor: Colorido

Estúdio: Columbia Pictures Corporation

Sinopese: Um professor iniciante se depara com uma classe de alunos desordeiros, indisciplinados, filhos de operários, neste clássico filme que reflete sobre alguns dos problemas e medos dos jovens dos anos 60. Sidney Poitier tem uma magnífica atuação como Thackeray, um engenheiro desempregado que aceita lecionar num bairro pobre de Londres. Os alunos, liderados por Denham, Pamela e Bárbara, tentam destruir Thackeray, como fizeram com seu predecessor. Mas Thackeray, acostumado à hostilidades, assume o desafio de transformar seus alunos em jovens adultos que breve entrarão num mundo onde devem se manter por si sós. Quando lhe oferecem um emprego como engenheiro, Thackeray deve decidir se quer de fato continuar enfrentando o desafio de ensinar.

8. Mentas Perigosas

Gênero: Drama

Direção: John N. Smith

Roteiro: Ronald Bass

Elenco: Bruklin Harris, Courtney B. Vance, George Dzundza, Michelle Pfeiffer, Robin Barlett

Produção: Kate Guinzburg, Lucas Foster, Sandra Rabins

Fotografia: Pierre Letarte

Trilha Sonora: Coolio, Lisa Coleman, Wendy Melvoin

Duração: 99 min.

Ano: 1995

País: Estados Unidos

Cor: Colorido

Estúdio: Hollywood Pictures

Sinopse: Louanne Johnson é uma oficial da marinha que abandona sua carreira militar de 9 anos para realizar um antigo sonho: tornar-se professora de inglês. Enquanto adquire suas credenciais numa escola de 2º grau do norte da Califórnia, ela é designada para ensinar um grupo de estudantes que irá mudar sua vida para sempre e vice-versa. Para vencer a resistência de seus alunos em aprender, Ms. Johnson quebra todas as regras, cria seu próprio currículo e aceita o desafio que o grupo de jovens lhe impõe.

9. Ao Mestre, Com Carinho 2

Gênero: Drama

Direção: Peter Bogdanovich

Roteiro: Philip Rosenberg

Elenco: Antonia Bogdanovich, Cheryl Lynn Bruce, Christian Payton, Christopher Birt, Daniel J. Travanti, Dante Burrell, Delle Chatman, Irma P. Hall, Joe Forbrich, John Beasley, Judy Geeson, Neil Flynn, Pauline Brailsford, Sidney Poitier

Produção: Richard Stenta

Fotografia: William Birch

Trilha Sonora: Trevor Lawrence

Duração: 92 min.

Ano: 1996

País: Estados Unidos

Cor: Colorido

Estúdio: Columbia Tristar/ LKTel Vídeo

Sinopse: Sidney Poitier retorna ao papel do professor Mark Thackeray, 30 anos depois, que decide se mudar de Londres para uma escola em Chicago. Mas não são apenas os desafios e os novos alunos que o atraem: ele vai em busca do seu primeiro amor, uma mulher que conheceu 3 décadas atrás, quando era um jovem na Guiana. Em Chicago, Mark logo percebe que não vai ser fácil lidar com uma classe de perigosos e rebeldes alunos. Ensinando os alunos o respeito a si mesmo e aos outros, ele começa a quebrar a resistência. Mas Mark é pressionado a trair a confiança de um aluno que promete proteger e, ao se recusar a cooperar, é demitido da escola. Enquanto isso, um dos alunos descobre onde vive o antigo amor de Mark e arranja-lhes um encontro. Quando os dois estão frente a frente, ele percebe que ela não foi apenas uma das coisas que ele perdera muitos anos atrás na América do Sul.